

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO - LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

MAISA MARCELO BIAVA

**ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS:
ESTUDO DOS INDICADORES DE LIQUIDEZ, DE ENDIVIDAMENTO E DE
RESULTADO COMO FERRAMENTA DE TOMADA DE DECISÃO**

**CRICIÚMA
2015**

MAISA MARCELO BIAVA

**ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS:
ESTUDO DOS INDICADORES DE LIQUIDEZ, DE ENDIVIDAMENTO E DE
RESULTADO COMO FERRAMENTA DE TOMADA DE DECISÃO**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof.(a) Dr. Abel Corrêa de Souza

CRICIÚMA

2015

MAISA MARCELO BIAVA

**ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS:
ESTUDO DOS INDICADORES DE LIQUIDEZ, DE ENDIVIDAMENTO E DE
RESULTADO COMO FERRAMENTA DE TOMADA DE DECISÃO**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof.(a) Dr. Abel Corrêa de Souza

Criciúma, 22 de Junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Abel Corrêa de Souza – Doutor – UNESC - Orientador

Prof. Claiton Uliano – Especialista – UNESC - Examinador

Prof. Jonas Rickrot Rösner – Especialista – UNESC - Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma maneira me apoiaram para que eu pudesse concretizar este estudo, principalmente, aos meus pais e meu namorado que é meu companheiro de todas as horas.

“O conhecimento é inútil para gerentes até ser
convertido em ações.”
Peter Drucker.

RESUMO

BIAVA, Maisa Marcelo. **Análise dos indicadores financeiros:** estudo dos indicadores de liquidez, de endividamento e de resultado como ferramenta de tomada de decisão. 2015. 80 páginas. Monografia do Curso de Administração – Linha de Formação Específica em Administração de Empresas, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

O estudo a seguir será desenvolvido a partir do tema de análise das demonstrações financeiras, em que serão conceituados, calculados e interpretados os principais indicadores financeiros que compreendem a base para a realização deste tipo de análise. Estes indicadores são os de liquidez, de resultado e de endividamento, além das análises acessórias conhecidas como análise vertical e horizontal. Este tipo de análise corresponde a um instrumento muito importante para a gestão financeira das empresas, sejam elas de pequeno, médio e grande porte. Além disso, a análise dos demonstrativos financeiros é uma ferramenta importante para o processo decisório em que os gestores financeiros das organizações estão submetidos diariamente, tendo em vista a complexidade e as constantes mudanças recorrentes ao mundo dos negócios. Logo, o objetivo central deste trabalho é apresentar para os administradores de empresas a relevância acerca da utilização dos demonstrativos financeiros como fonte de informações sobre a liquidez, o endividamento e o resultado das empresas, informações estas, necessárias para compor o conjunto de instrumentos que os gestores podem utilizar para tornar o processo de tomada de decisão mais preciso. A metodologia utilizada para desenvolver o presente estudo foi a utilização de recursos bibliográficos e documentais para apresentar um estudo multicaso. Desta forma, é possível desenvolver o trabalho com embasamento teórico e científico, utilizando-se de documentos, neste caso os balanços patrimoniais e as demonstrações do resultado do exercício das empresas listadas, para então proceder à análise dos quatro casos objetos do estudo. Os resultados obtidos com a pesquisa apontaram que foi possível realizar a análise individual de todos os indicadores financeiros das quatro empresas. Assim, também foi possível correlacionar estas mesmas análises, fazendo um comparativo geral dos índices entre as empresas. O comparativo pôde indicar aspectos de liquidez, de resultado e de endividamento positivos ou negativos que retrataram o panorama econômico e financeiro de cada empresa em dois exercícios sociais distintos. Desta forma, foi possível demonstrar que os índices extraídos dos demonstrativos financeiros auxiliam no processo de interpretação e gestão financeira.

Palavras-chave: Análise das Demonstrações Financeiras, Análise horizontal e vertical, Tomada de decisão.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos itens que compõem a Administração Financeira.	17
Quadro 2 - Subdivisões do Balanço Patrimonial.	23
Quadro 3 - Grupos e subgrupos de contas que compõem o Balanço Patrimonial.	23
Quadro 4 - Relação de contas que compõem o ativo do Balanço Patrimonial.	24
Quadro 5 - Relação de contas que compõem o passivo do Balanço Patrimonial.	24
Quadro 6 - Relação de contas que compõem a DRE.	26
Quadro 7 - Fórmulas para o cálculo dos índices de liquidez.	30
Quadro 8 - Fórmulas para o cálculo dos índices de endividamento ou estrutura.	32
Quadro 9 - Fórmulas para o cálculo dos índices de resultado.	34
Quadro 10 - Plano de coleta de dados.	41
Quadro 11 - Índices de Liquidez.	43
Quadro 12 - Índices de Endividamento.	44
Quadro 13 - Índices de Resultado.	46
Quadro 14 – Análise vertical e horizontal do ativo da Portobello.	48
Quadro 15 – Análise vertical e horizontal do passivo da Portobello.	49
Quadro 16 – Análise vertical e horizontal da DRE da Portobello.	50
Quadro 17 – Análise vertical e horizontal do ativo da Eliane.	50
Quadro 18 – Análise vertical e horizontal do passivo da Eliane.	51
Quadro 19 – Análise vertical e horizontal da DRE da Eliane.	52
Quadro 20 – Análise vertical e horizontal do ativo da Delta.	53
Quadro 21 – Análise vertical e horizontal do passivo da Delta.	54
Quadro 22 – Análise vertical e horizontal da DRE da Delta.	55
Quadro 23 – Análise vertical e horizontal do ativo da Jatobá.	55
Quadro 24 – Análise vertical e horizontal do passivo da Jatobá.	56
Quadro 25 – Análise vertical e horizontal da DRE da Jatobá.	57
Quadro 26 – Quadro resumo do parecer final da situação econômica e financeira das empresas.	62

LISTA DE ABREVIATURAS

ANFACER - Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento, Louças Sanitárias e Congêneres.

ASPACER - Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento.

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

BP - Balanço Patrimonial.

DRE - Demonstração do Resultado do Exercício.

PIB - Produto Interno Bruto.

S.A - Sociedade Anônima.

SC - Santa Catarina.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SINDICERAM - Sindicato das Indústrias de Cerâmica de Criciúma.

SP - São Paulo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA	16
2.1.1 Controladoria	18
2.1.2 Tesouraria	19
2.2 ESTRUTURA DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS	21
2.2.1 Balanço Patrimonial	22
2.2.2 Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)	25
2.3 PRINCIPAIS ÍNDICES.....	26
2.3.1 Índices de liquidez ou de solvência	27
2.3.1.1 Liquidez imediata	28
2.3.1.2 Liquidez seca	28
2.3.1.3 Liquidez corrente	28
2.3.1.4 Liquidez geral	29
2.3.2 Índices de endividamento ou de estrutura	30
2.3.2.1 Índice de participação do capital de terceiros.....	31
2.3.2.2 Índice de garantia do capital próprio ao capital de terceiros.....	31
2.3.2.3 Índice de grau de endividamento ou endividamento geral	31
2.3.2.4 Índice de qualidade da dívida.....	32
2.3.2.5 Índice de endividamento financeiro	32
2.3.3 Índices de resultado	33
2.3.3.1 Índice de taxa de retorno sobre o investimento	33
2.3.3.2 <i>Pay-back</i> ou prazo de retorno do investimento	33
2.3.3.3 Índice de rentabilidade	34
2.3.3.4 Índice de lucratividade.....	34
2.3.4 Análise vertical e análise horizontal	35
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	36
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO.....	39
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	40
3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS	41
4 EXPERIÊNCIA DE PESQUISA.....	43
4.1 ÍNDICES DE LIQUIDEZ	43
4.2 ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO	44
4.3 ÍNDICES DE RESULTADO	46
4.4 ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL	48
4.4.1 Portobello.....	48
4.4.2 Eliane.....	50
4.4.3 Delta.....	53
4.4.4 Jatobá.....	55
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	58
4.6 PARECER FINAL.....	61
5 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXO(S).....	70
ANEXO A – Balanço Patrimonial da Portobello.....	71
ANEXO B – DRE da Portobello.....	72
ANEXO C – Balanço Patrimonial da Eliane.....	73
ANEXO D – DRE da Eliane.....	75
ANEXO E – Balanço Patrimonial da Delta.....	76
ANEXO F – DRE da Delta.....	77
ANEXO G – Balanço Patrimonial da Jatobá.....	78
ANEXO H – DRE da Jatobá.....	80

1 INTRODUÇÃO

A exigência das demonstrações financeiras iniciou-se no final do século XX, quando bancos americanos requeriam das empresas que solicitavam empréstimos, algum documento que descrevesse valores do ativo e do passivo das organizações. É importante lembrar que eram documentos informais que não recebiam a devida análise. Porém, com o passar dos anos foi-se aperfeiçoando e criando técnicas que realmente descrevessem a real “saúde” financeira das empresas (MATARAZZO, 1998).

As demonstrações financeiras são relatórios que devem ser produzidos anualmente pelas empresas de capital aberto, seguindo algumas características determinadas pela lei que rege este tipo de empresa (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010). Na atualidade, é obrigação das empresas de capital aberto realizar a publicação em mídias de grande circulação, em cumprimento de uma lei específica das S.A (MATARAZZO, 1998).

Por estarem ligadas, as áreas de contabilidade e finanças, às vezes são confundidas e muitos pensam se tratar da mesma coisa. Porém há grandes diferenças entre estas duas áreas que lidam com dinheiro propriamente dito. Há um ponto chave que distingue muito bem estas duas áreas. A contabilidade preocupa-se em realizar relatórios de dados, com avaliações baseadas em números, tributação e exigências legais. A administração financeira é a parte que se utiliza destes documentos elaborados por contabilistas, para gerenciar variáveis macros e microeconômicas, para auxílio na tomada de decisão e controle do desempenho da empresa (GITMAN, 2010).

Uma das maneiras utilizadas por administradores financeiros como fonte de informações em nível gerencial, são as demonstrações financeiras (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010). De acordo com Gitman (2010), estes demonstrativos financeiros que são elaborados por contadores, são analisados por partes interessadas diretamente com a atividade da empresa, como é o caso dos proprietários de ações, administradores do negócio, bancos, organismos nacionais e internacionais, sindicatos, dentre outros.

Segundo Gitman (2010), este tipo de ferramenta é analisado por estas partes, pois, é por meio deste que se obtém informações valiosas sobre a produtividade, a lucratividade, a liquidez, o nível de endividamento, a capacidade da

empresa de honrar com suas obrigações. Estas informações são levantadas com o auxílio da análise dos índices, que, quando interpretados refletem a vida e a saúde financeira das organizações. Por isso, o monitoramento destes indicadores é importante para não prejudicar a imagem da empresa perante a sociedade, e principalmente, com os interessados diretamente.

Sabe-se que, seja qual for o tamanho da empresa ou seu segmento de atuação no mercado, faz-se necessário acompanhar e monitorar todas as movimentações e processos que geram um fluxo monetário, isto é, com saídas e entradas (HELFERT, 2000). Em qualquer setor da economia este processo é realizado e não é diferente nas empresas do setor cerâmico.

No Brasil, o setor cerâmico é importante dando ao Brasil a segunda colocação mundial em produção de revestimentos cerâmicos com um total de 866 milhões de m² produzidos em 2012 de acordo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES (2013).

Em Santa Catarina, este setor também recebe destaque. Segundo o BNDES (2013), a indústria cerâmica catarinense no ano de 2012 exportou para cem países do mundo. No estado, o pólo produtor desta indústria está localizado no sul do estado, na macrorregião de Criciúma. De acordo com dados do Sindicato das Indústrias de Cerâmica de Criciúma – SINDICERAM – (2014), foram produzidos nos cinco primeiros meses de 2014, 29.248,569 m² de pisos e outros 8.797,128 m² de azulejos na cidade. Este setor emprega mais de cinco mil pessoas na cidade e gerou um faturamento de R\$ 170.555.096,00 para o mês de maio de 2014 (SINDICERAM, 2014).

Com a importância das demonstrações financeiras e da relevância do setor cerâmico, o presente estudo terá como objetivo analisar os indicadores financeiros extraídos do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício como ferramenta para a gestão financeira de empresas do setor cerâmico de Santa Catarina e São Paulo.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

Dentro das diversas áreas da administração está a administração financeira. As finanças podem ser conceituadas como a maneira empregada por empresas e pessoas para administrar o dinheiro. Nas empresas o departamento

financeiro é o responsável por gerir e tomar as decisões mais adequadas e necessárias referentes ao conteúdo e as operações financeiras (GITMAN, 2010).

Sabe-se que uma das funções dos administradores financeiros é a geração de lucro, e o zelo pelo patrimônio dos proprietários ou acionistas. Para que possam ser tomadas as ações corretas objetivando o proposto acima, é indispensável tomar como base, ferramentas que gerem dados confiáveis para incorrer a maximização dos dividendos (ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2000).

Uma das técnicas utilizadas pelos administradores financeiros para a tomada de decisões é a análise das demonstrações financeiras. Para Matarazzo (1998), o objetivo principal da análise dos demonstrativos financeiros, basicamente o balanço e o demonstrativo do resultado, é a tomada de decisão.

Segundo Gitman (2010), os demonstrativos financeiros representam a imagem da empresa num dado período de tempo e fornecem uma série de dados que auxiliam os administradores na geração de informações. Além disso, é uma técnica que poderia ser adotada pelas organizações e ser eminentemente explorada, porém, as empresas que normalmente fazem uso disso são as sociedades por ações também conhecidas como sociedades anônimas. Este tipo de organização possui a obrigatoriedade, assegurada por lei, de realizar e publicar as demonstrações financeiras. Para Ross; Westerfield; Jordan (2000), estes demonstrativos são considerados uma das fontes geradoras de informações gerenciais.

Por possuir este regime, as Sociedades Anônimas (S.A.) como são conhecidas, têm a responsabilidade de estar atentas aos dados publicados, pois pode interferir no preço das ações. Por isso, é importante que o administrador financeiro esteja atento a economia, aos dados do setor em que está inserido, índice de preços, taxas de juros, lei da oferta e da procura, aspectos tecnológicos e políticos e outras variáveis (GITMAN, 2010).

Neste estudo será realizada a análise das demonstrações financeiras de um dos setores mais expressivos da economia brasileira, o setor cerâmico. Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento, Louças Sanitárias e Congêneres - Anfacer – (2012), este setor gera, diretamente, cerca de 25 mil empregos e, indiretamente, outros 200 mil empregos em todo o seu ciclo produtivo. Além disso, o Brasil está na segunda posição mundial em produção de revestimentos cerâmicos (Anfacer, 2012).

Conforme a Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento – ASPACER – (2014), um dos pólos produtivos do setor cerâmico no Brasil fica localizado em São Paulo e é conhecido como Pólo Cerâmico de Santa Gertrudes. Engloba as cidades de Cordeirópolis, Ipeúna, Iracemápolis, Limeira, Piracicaba, Rio Claro e Santa Gertrudes.

É relevante destacar esta região por sua importância no setor cerâmico brasileiro e paulista. De acordo com dados da ASPACER, são cerca de 34 empresas situadas neste pólo que geram 15 mil empregos diretos e outros 200 mil indiretamente (ASPACER, 2014). Outro dado que corrobora com a importância que este setor traz para esta região, foi o crescimento obtido em termos de faturamento que chegou à R\$ 257 milhões no ano de 2012 (ASPACER, 2013).

Ainda segundo dados da Anfacer (2012), a outra região que se destaca no Brasil concentrando uma parte das grandes indústrias cerâmicas e é conhecido internacionalmente como um pólo produtivo do setor, é a cidade de Criciúma – SC. De acordo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES – (2006), o pólo fabril de Criciúma que engloba também as cidades de Tubarão, Urussanga, Imbituba, Tijucas e Morro da Fumaça são responsáveis por 23% de toda a produção do Brasil. Existem cerca de 17 empresas situadas no pólo fabril de Criciúma, das 94 existentes no Brasil.

Assim, percebe-se a importância deste setor com a geração de 10.057 empregos diretos na Macrorregião Sul segundo dados do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina – SEBRAE – (2013).

Diante da situação, segue a seguinte questão: **De que forma os indicadores financeiros extraídos do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício contribuem para a gestão financeira de empresas do setor cerâmico de Santa Catarina e São Paulo?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar os indicadores financeiros extraídos do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício como ferramenta para a gestão financeira de empresas do setor cerâmico de Santa Catarina e São Paulo.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Calcular os índices de liquidez, de endividamento e de resultado das empresas em estudo;
- b) Interpretar os principais índices de liquidez, de endividamento e de resultado que serão a base para a construção do estudo;
- c) Elaborar a análise vertical e a análise horizontal do balanço patrimonial;
- d) Definir um parecer sobre a situação financeira e econômica de cada uma das empresas listadas.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo será realizado com o intuito de compreender a importância das demonstrações financeiras, e de que maneira podem auxiliar a gestão financeira de determinadas empresas do setor cerâmico catarinense e paulista. É importante compreender esta relação e é indispensável o acompanhamento dos indicadores, em função de todas as possíveis informações que os demonstrativos financeiros podem fornecer à administração financeira.

Este tipo de indicador é necessário para realizar alguns processos da área financeira como, por exemplo, obtenção de empréstimos e financiamentos. Outra razão que torna este estudo importante é entender a relação existente entre os indicadores extraídos dos demonstrativos e a dinâmica do setor cerâmico. Já que, a maneira como os índices se apresenta varia entre os setores existentes.

O estudo é relevante para a pesquisadora, pois a ajudará a entender um dos assuntos da administração financeira que mais lhe desperta o interesse em estudar, pesquisar e analisar, além de ter a oportunidade de desenvolver e aprimorar seus conhecimentos acadêmicos. É significativo também para os especialistas do setor que terá a análise de um acadêmico sobre as peculiaridades que o setor escolhido possui, e a inter-relação da economia e dos indicadores das organizações. É interessante também para a universidade que terá a sua disposição mais um estudo que estará em uma base de dados para ser aprimorado ou continuado por mais pesquisadores e acadêmicos.

Sabe-se que o setor cerâmico já foi um setor forte na região Sul. Porém após crises, com a entrada da China como produtora de cerâmica mundial e que

trabalha com baixos custos e com a nova lei de circulação dos motoristas, acabou prejudicando a produtividade e a lucratividade do setor no Brasil. Por isso, este estudo torna-se relevante e oportuno, para demonstrar de que forma a análise dos demonstrativos financeiros de empresas de alta produtividade no Brasil, auxiliam na gestão financeira destas empresas com o intuito de melhorar resultados, indicadores e auxiliar na tomada de decisão.

O presente estudo é viável porque existem diversas obras que ilustram e argumentam sobre a importância da análise das demonstrações financeiras para os administradores de empresas e para os administradores financeiros, como auxílio para a própria gestão financeira. Muitos autores falam sobre a importância de um balanço patrimonial e de um demonstrativo dos resultados do exercício, caracterizando-os como instrumentos indispensáveis para criar informações que possam dar suporte para muitas das decisões gerenciais e à algumas variáveis que interferem direta ou indiretamente no equilíbrio financeiro das organizações.

Torna-se viável também por ser um estudo que dispõe de acesso à dados financeiros que darão suporte ao entendimento e à análise que será desenvolvida sobre determinadas empresas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo tem por objetivo fornecer sustentação teórica ao estudo, abordando os principais assuntos, tais como: Administração Financeira, estrutura das Demonstrações Financeiras e os Índices de Liquidez, de Estrutura e de Resultado.

2.1 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

A administração financeira pode ser conceituada como, a arte de lidar e administrar o dinheiro dentro das organizações. Ao longo dos anos a administração financeira vem se aperfeiçoando, em função da dinâmica que vem ocorrendo nas sociedades em geral. Pode se dizer que, ao longo de muitos anos as organizações eram mais facilmente administradas, já que, não havia grandes proximidades comerciais e de fronteira entre países muito distantes. Porém, com a crescente aproximação e estreitamento das relações comerciais facilitada com a era da globalização, da tecnologia e da internet, por exemplo, a administração de empresas tornou-se um processo difícil e rigoroso (ASSAF NETO; LIMA, 2010).

Com a administração financeira não foi diferente. Sabe-se que uma empresa não existe sozinha, ela tem que lidar com diversos públicos que de alguma maneira vão garantir sua existência (FIGUEIREDO; CAGGIANO, 2008).

De acordo com Machado M. A. V., Machado M. R. e Callado (2006, p.148):

Para financiar suas atividades, as empresas podem utilizar recursos próprios e de terceiros. No entanto, faz-se necessário um equilíbrio entre essas fontes, no intuito de possibilitar o desenvolvimento de suas atividades, sem colocar em risco sua estrutura financeira.

Fornecedores, clientes, instituições financeiras, mão de obra, máquinas e equipamentos entre outros. Todos estes recursos vão impactar na área financeira (FIGUEIREDO; CAGGIANO, 2008). A habilidade requerida pelos gestores financeiros em função do advento da era da informação tornou-se decisivo para a continuação das empresas. Desta forma, o ramo das finanças está tendo que preocupar-se com alguns fenômenos que vem ocorrendo no mundo, como a geração de conhecimento, de informação e de valor (ASSAF NETO; LIMA, 2010).

Segundo Gitman (2010), para esclarecer como tantos aspectos, como os citados acima, podem interferir na área financeira das empresas, nesta seção serão definidos conceitos importantes que estão relacionados à administração financeira como um todo. São conceitos como: i) Finanças; ii) O estudo de finanças; iii) Administrador financeiro; iv) A relação entre finanças e contabilidade; v) A relação entre finanças e economia; vi) Controladoria; e vii) Tesouraria.

Os conceitos referentes às áreas de finanças; o estudo de finanças; administrador financeiro; a relação entre finanças e contabilidade; a relação entre finanças e economia, será abordada mediante a apresentação do Quadro 1, sintetizando as características de cada item.

Quadro 1 - Relação dos itens que compõem a Administração Financeira.

ÁREAS	CARACTERÍSTICAS
Finanças	É uma área que se destina ao estudo e aplicações de conceitos práticos e técnicas que referem-se a aspectos econômicos e financeiros das organizações, com o intuito de produzir e aumentar a riqueza, os lucros e/ou dividendos de uma empresa. Na área de finanças as principais decisões estão constituídas em três eixos: i) Investimento; ii) Financiamento; e iii) Dividendo (GROPPELLI, 2010; PADOVEZE, 2011).
O estudo de Finanças	Sabendo que a grande maioria das decisões tomadas nas empresas são baseadas em resultados financeiros, faz-se necessário compreender todas as possíveis técnicas e procedimentos de gestão financeira. Desta forma, as finanças são importantes para dar sustentação ao processo de crescimento e consolidação das empresas (GITMAN, 2001).
Administrador Financeiro	É o indivíduo responsável por gerir o departamento financeiro de uma empresa e terá uma série de responsabilidades, como, administrar a política de crédito, de investimentos, de empréstimos e financiamentos, gestão e aplicação do lucro, tomar decisões, aumentar as receitas e o capital dos proprietários, entre outras funções. Cabe a este profissional desenvolver habilidades de estratégia e de negociação para aumentar o desempenho organizacional. Este profissional terá que captar informações precisas e atualizadas, para manter a empresa competitiva no mundo dos negócios (BRIGHAM; EHRHARDT, 2006).
A Contabilidade em Finanças	A contabilidade está presente na administração financeira e é importante para algumas técnicas utilizadas pelos administradores financeiros para a gestão dos negócios. Um exemplo de instrumento utilizado para a gestão financeira das empresas, é a elaboração dos demonstrativos contábeis pelos contadores. Eles são os responsáveis por preparar estes relatórios que servirão de base para o processo decisório. Os relatórios são fontes de dados muito importantes sobre lucratividade, endividamento e resultado. Estes relatórios fornecem ainda uma outra ferramenta de análise, que são os indicadores financeiros (BODIE; MERTON, 1999).
A Economia em Finanças	A área financeira também possui um vínculo com a economia. Existem fatores macroambientais econômicos que podem interferir diretamente nas operações da empresa. Cabe ao departamento financeiro acompanhar as tendências de economia como, por exemplo, retração ou queda do percentual de crescimento da economia do país, taxas de juros, inflação, tributação e entre outros, para compreender e desenvolver a aptidão necessária para reagir com eficiência perante estas mudanças (GITMAN, 2001).

Fonte: Bodie e Merton (1999), Gitman (2001), Brigham e Ehrhardt (2006), GropPELLI (2010) e Padoveze (2011).

As áreas de controladoria e tesouraria serão desenvolvidas em duas seções distintas, para melhor compreender a relação existente entre cada uma delas e a gestão financeira.

2.1.1 Controladoria

Ao longo dos anos vem-se percebendo a relação e união ocorrida entre os países como a formação de blocos econômicos, e mais recentemente a globalização, para desta forma, facilitar e aproximar os vínculos comerciais entre os pares. Esta interação é um fato crescente que se reflete, principalmente, por ocasião dos grandes fluxos e movimentações financeiras, de produtos, do comércio em geral e da comercialização via internet. Estas aberturas comerciais possibilitaram a expansão dos negócios e com isso, a preocupação em controlar os riscos e as oportunidades que podem ocorrer (BRITO, 2003).

É nesse momento que entra a controladoria, que é considerada um órgão de assessoria ou de aconselhamento, pois, é o setor responsável por acompanhar as tendências de mercado para assegurar a continuidade, rentabilidade e lucratividade e o fortalecimento financeiro e da empresa como um todo (MORANTE; JORGE, 2008).

Oliveira, Perez Junior e Silva (2014, p.5) argumentam que:

Pode-se entender Controladoria como o departamento responsável pelo projeto, elaboração, implementação e manutenção do sistema integrado de informações operacionais, financeiras e contábeis de determinada entidade, com ou sem finalidades lucrativas, sendo considerada por muitos autores como o atual estágio evolutivo da contabilidade.

De acordo com Figueiredo e Caggiano (2008), as principais funções da controladoria são:

- a) Planejamento: desenvolver projetos que estejam de acordo com os objetivos organizacionais, sempre revisando-os e aprimorando-os de acordo com as devidas alterações e propostas realizadas pela cúpula da empresa;
- b) Controle: criar indicadores de desempenho para avaliar os resultados obtidos, repassá-los para os demais níveis estratégicos da empresa, e monitorar estes resultados para que os mesmos estejam em consonância com as metas propostas.

- c) Informação: desenvolver, examinar e explanar sobre o desempenho financeiro obtido para a cúpula de administração, para que, estes relatórios sirvam de base no processo decisório da empresa.
- d) Contabilidade: faz-se necessário desempenhar algumas funções da área da contabilidade como, armazenar e gerir todas as operações financeiras para realizar registros de controle interno e elaboração de relatórios financeiros, como é o caso das demonstrações financeiras.
- e) Outras funções: gerir todas as atividades e operações que possam interferir no rendimento organizacional e impactar nos objetivos e metas propostas.

O profissional responsável pelo departamento de controladoria é chamado de *controller*, ou seja, controlador. Bodie e Merton (1999, p.39), afirmam que:

O *controller* supervisiona as atividades de contabilidade e auditoria da empresa. Isso inclui a preparação de relatórios internos comparando o que foi planejado versus os custos reais, receitas e lucros provenientes das várias unidades de negócios da empresa. Inclui também a preparação de demonstrações financeiras para uso por parte dos acionistas, credores e autoridades regulamentadoras.

Desta forma, verifica-se a importância da existência deste departamento dentro das organizações, para acompanhar e entender como a dinâmica comercial, fiscal, tributária, financeira, produtiva, governamental, entre outras, podem interferir no desempenho e no funcionamento organizacional. Assim a controladoria é um instrumento de gestão financeira adequado para as novas mudanças que vem-se percebendo no mundo dos negócios (FIGUEIREDO; CAGGIANO, 2008).

2.1.2 Tesouraria

A tesouraria compreende um dos departamentos das organizações, que é responsável por controlar o fluxo de caixa da empresa, com o intuito de monitorar estas entradas e saídas para verificar possíveis déficits ou superávits. Avaliar e viabilizar projetos, monitorar as disponibilidades bancárias e de caixa, compreender o demonstrativo do fluxo de caixa, realizar projeções e controlar resultados obtidos com aplicações financeiras. Outra função importante a ser desempenhada pela tesouraria é controlar o volume de sobra de caixa, bem como a liquidez destes

recursos, para encontrar possíveis oportunidades juntamente com fornecedores e instituições financeiras (HOJI, 2001).

O instrumento utilizado pelos gestores da tesouraria para gerir o caixa da empresa, é o fluxo de caixa. Os fluxos de caixa representam as movimentações monetárias da empresa num dado período de tempo. E as duas principais contas do balanço patrimonial que influenciam, diretamente, no caixa das empresas, são as contas a pagar e a receber. Estas duas contas representam os principais ingressos e retiradas de caixa. Por isso, faz-se necessário compreender quando ocorrem estas entradas e saídas de dinheiro, para projetar, o mais próximo possível da realidade, os fluxos de caixa (YOSHITAKE; HOJI, 1997).

Assim como em outros departamentos, a tesouraria também possui um responsável. Os administradores financeiros também podem exercer esta atividade de gestão. Estes, por sua vez, são chamados de tesoureiros, quando trabalham neste departamento. Vale ressaltar que a tesouraria é um setor da empresa que possui relação direta com a gestão financeira da empresa como um todo (YOSHITAKE; HOJI, 1997).

Bodie e Merton (1999, p.39) discorrem sobre as responsabilidades dos tesoureiros:

O tesoureiro tem a responsabilidade de administrar atividades financeiras da empresa para a gerência do capital de giro. A função do tesoureiro também inclui relações com a comunidade de investidores externos, administrando a exposição da empresa à inflação e a riscos de taxas de juros e a administração do departamento de impostos.

Portanto, a tesouraria é um departamento que assim como os outros possui funções a desempenhar e responsabilidades para honrar. Porém, vale ressaltar que há uma forte interação entre a tesouraria e os demais setores das organizações. Isto se deve pelo fato de que, este setor é o responsável pela gestão e administração das operações financeiras da empresa no curto prazo, e principalmente, o controle que o tesoureiro precisa ter para controlar todos os responsáveis pela geração de direitos e obrigações. Logo, é importante monitorar os prazos de recebimento e de pagamento das contas, para fazer a gestão adequada do caixa e a correta projeção dos fluxos de caixa (ZANCHIN, 2002).

2.2 ESTRUTURA DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

As demonstrações financeiras são relatórios elaborados com o propósito de relatar todas as movimentações ocorridas dentro de uma empresa durante seu exercício social. O exercício social é compreendido pelo período entre o dia primeiro de janeiro até o dia trinta e um de dezembro de cada ano. Estes relatórios são realizados obrigatoriamente pelas empresas de capital aberto chamadas de Sociedades Anônimas - S.A. (SANTOS; SCHMIDT; MARTINS, 2006).

As demonstrações financeiras constituem uma atividade contábil, que representa para os administradores um instrumento gerencial. Estes demonstrativos são analisados pelos mais variados públicos de interesse nas organizações, já que são considerados fontes de dados significativos para o entendimento da situação financeira, econômica e patrimonial das empresas. Dada a importância para estes demonstrativos, existe no Brasil uma lei que regulamenta as sociedades por ações. É a lei de nº 6.404, datada de 15 de dezembro de 1976. Ela regulamenta todos os aspectos que envolvem as sociedades por ações e os demonstrativos financeiros (BEUREN; BRANDÃO, 2001).

Estas empresas possuem a obrigação de prestar contas sobre as operações econômicas e financeiras ocorridas durante determinado exercício social, já que, este tipo de organização possui muitos públicos de interesse que recorrem à análise das demonstrações financeiras para verificar a situação financeira e patrimonial da empresa (SANTOS; SCHMIDT; MARTINS, 2006).

A análise de demonstrativos financeiros é um processo pertinente e que pode ser realizada continuamente, como forma de obtenção de dados extras e complementares, para o auxílio na compreensão de várias situações que a empresa pode chegar. Estas situações podem ser de endividamento, de rentabilidade, patrimonial e financeira. Portanto, entender estas situações e saber como administrá-las, é importante para validar os processos de tomada de decisão. Por isso, os demonstrativos contábeis servem para basear e entender em que situação a empresa se encontra para que desta forma, a melhor decisão seja tomada (PADOVEZE; BENEDICTO, 2011).

Em função de todas as possíveis decisões que podem ser tomadas na empresa, é importante evidenciar a realização destes relatórios, mesmo quando não há a obrigatoriedade de publicação destes documentos por alguns tipos de empresa,

como é o caso das S.A. de capital fechado e das empresas com denominação Ltda. Uma vez que, estes documentos são capazes de influenciar diretamente em decisões de financiamento e de investimento, por exemplo (SILVA, 2012).

Segundo Braga (2006) e Marion (2012), os principais demonstrativos financeiros são: i) Balanço Patrimonial (BP); ii) Demonstração do Resultado do Exercício (DRE); iii) Demonstração das mutações do Patrimônio Líquido; iv) Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR); v) Demonstração do Fluxo de Caixa; e vi) Demonstração do Valor Adicionado.

No estudo em questão, serão abordados o balanço patrimonial e a demonstração do resultado do exercício, que, de acordo com Marion (2012), são os que demonstram a real situação econômica e financeira da empresa.

Nas seções subseqüentes serão apresentadas as especificações e características de cada uma das duas demonstrações financeiras, objetos do estudo.

2.2.1 Balanço Patrimonial

A demonstração financeira conhecida como balanço patrimonial representa a situação econômica (passivo) e financeira (ativo) da empresa. Com isso sua função é demonstrar as origens dos recursos e as suas respectivas aplicações. Para facilitar o entendimento e a compreensão dos dados apresentados no balanço, faz-se necessário realizar a disposição adequada de cada uma das contas do demonstrativo. A lei das S.A. recomenda a disposição em ordem decrescente de liquidez, isto é, aquelas contas que possuem a capacidade de se tornarem dinheiro mais rapidamente (BRAGA, 2006).

Santos, Schmidt e Martins (2006) e Marion (2012) argumentam sobre a estrutura de grupos e subgrupos de contas do Balanço. A primeira grande divisão do balanço patrimonial é a seguinte: o ativo, que representa todos os direitos da empresa e o passivo que representa todas as obrigações da empresa. Dentro de cada uma destas duas subdivisões, existe a seguinte estrutura que o Quadro 2 exemplifica.

Quadro 2 - Subdivisões do Balanço Patrimonial.

ATIVO	PASSIVO
Ativo Circulante	Passivo Circulante
Ativo Não Circulante	Passivo Não Circulante
Realizável Em Longo Prazo	Patrimônio Líquido

Fonte: Santos, Schmidt e Martins (2006) e Marion (2012).

Os autores acima citados, discorrem no Quadro 3 sobre a relação de grupos e subgrupos de contas do balanço patrimonial explicando suas características básicas.

Quadro 3 - Grupos e subgrupos de contas que compõem o Balanço Patrimonial.

BALANÇO PATRIMONIAL	
ATIVO	PASSIVO
Representa as aplicações dos recursos obtidos com terceiros ou recursos próprios.	Representa as origens dos recursos, de terceiros ou próprios, necessários para o funcionamento da empresa.
Ativo Circulante	Passivo Circulante
Neste grupo estão as contas a receber de clientes, governo, de aplicações financeiras que apresentam vencimento inferior a doze meses.	Neste grupo encontram-se todas as obrigações que a empresa tem para com terceiros, devido a operações realizadas num período inferior a doze meses.
Ativo Não Circulante	Passivo Não Circulante
Neste grupo estão as contas a receber e bens de propriedade da empresa que apresentam vencimento superior a doze meses.	Neste grupo encontram-se todas as obrigações que a empresa tem para com terceiros, devido a operações realizadas num período superior a doze meses.
Realizável em Longo Prazo	Patrimônio Líquido
Neste subgrupo que constitui o ativo não circulante, estão especificamente, as contas a receber por vendas efetuadas com prazo superior a doze meses.	Este é o grupo de contas que constam todos os recursos próprios, como recursos dos proprietários, reservas de capital e lucros ou prejuízos referentes a outros exercícios sociais.
As outras três contas chamadas de Investimento, Imobilizado e Intangível, representam os bens de uso próprio, de posse com tempo indeterminado, ativos financeiros sem prazo de retirada e ativos não corpóreos.	

Fonte: Santos, Schmidt e Martins (2006) e Marion (2012).

No Quadro 4 e no Quadro 5, Santos e Barros (2005) e Padoveze e Benedicto (2011), discorrem sobre os principais tipos de contas que podem conter no balanço patrimonial e apresentam suas características. O Quadro 4 aborda as características do lado do ativo do balanço patrimonial e o Quadro 5 relata as características do passivo do balanço patrimonial.

Quadro 4 - Relação de contas que compõem o ativo do Balanço Patrimonial.

BALANÇO PATRIMONIAL: ATIVO	
ATIVO CIRCULANTE	CARACTERÍSTICAS
Caixa e equivalentes de caixa	Representado por valores em caixa e depositados em contas bancárias.
Aplicações Financeiras	Aplicações financeiras em fundos, ações, debêntures, entre outros.
Contas a receber	Valores a receber de clientes por vendas efetuadas a prazo.
Estoques	Armazenagem de produtos acabados, em elaboração, materiais de expediente, matéria-prima entre outros.
Tributos a recuperar	Recebimento de valores referentes a tributos pagos estimativamente ou retidos na fonte.
Outros ativos circulantes	Valores diversos a receber de outros clientes como cheques e duplicatas.
ATIVO NÃO CIRCULANTE	
REALIZÁVEL EM LONGO PRAZO	
Contas a receber	Valores a receber de clientes por vendas efetuadas com prazo superior a 12 meses.
Tributos a recuperar	Valores referentes a tributos pagos estimativamente e retidos na fonte ou de exercícios passados.
Outros ativos não circulantes	Valores diversos a receber de outros clientes como cheques e duplicatas com prazos superiores a 12 meses.
Investimentos	Ações e títulos mobiliários de outras companhias e bens imóveis não destinados à atividade da empresa, mas a futuras expansões ou para rendimento financeiro (aluguel, leasing).
Imobilizado	Construções, máquinas, equipamentos, veículos destinados à atividade fim da empresa.
Intangível	Itens impalpáveis ou abstratos, como marcas e patentes.

Fonte: Santos e Barros (2005) e Padoveze e Benedicto (2011).

Quadro 5 - Relação de contas que compõem o passivo do Balanço Patrimonial.

BALANÇO PATRIMONIAL: PASSIVO	
PASSIVO CIRCULANTE	CARACTERÍSTICAS
Fornecedores	Valores a pagar por obrigações contraídas a prazo.
Contas a pagar	Valores a pagar para funcionários como folha de pagamento e encargos sociais.
Empréstimos e Financiamentos	Valores a pagar para instituições financeiras e bancárias sobre obrigações contraídas no curto prazo.
Obrigações Fiscais	Tributos em geral a recolher sobre operações de compra, de venda, de lucro, de movimentações financeiras, entre outros.
Outras obrigações	Contas a pagar referentes a diversos itens como água, energia, telefone, internet, combustíveis, seguros diversos etc.
Provisões	Estimativas de possíveis não recebimentos que a empresa tem que arcar como a provisão para devedores duvidosos e as duplicatas descontadas.
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	
Fornecedores	Valores a PAGAR por obrigações contraídas a prazo com vencimento superior à 12 meses.
Empréstimos e Financiamentos	Valores a pagar para instituições financeiras e bancárias sobre obrigações contraídas no longo prazo.
Obrigações Fiscais	Tributos em geral a recolher sobre operações de compra, de venda, de lucro, de movimentações financeiras, entre outros, com término no exercício seguinte.

Continua...

...Continuação

Outras obrigações	Duplicatas, boletos e contas a pagar com vencimento superior a 12 meses.
Provisões	Provisões de não pagamentos advindos do exercício passado.
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	
Capital Social	É o capital dos proprietários.
Reservas de Capital	Valores que ainda não foram incorporados ao capital social.
Reservas de lucro	Lucros acumulados que podem ser incorporados ao capital social, distribuídos a sócios ou quotistas ou serem reinvestidos na empresa.
Lucros ou Prejuízos Acumulados	Valores referentes a lucros obtidos no exercício anterior que ainda não tiveram uma destinação ou prejuízos que ainda não foram saldados.

Fonte: Santos e Barros (2005) e Padoveze e Benedicto (2011).

2.2.2 Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)

É um dos demonstrativos que indica o resultado das operações efetuadas pela empresa de forma dedutiva, sequencial e lógica, que indicam quais foram as contas que apresentaram participação no lucro líquido do exercício. Seu objetivo é a apuração do lucro líquido. Sua estrutura é composta de forma verticalizada iniciando-se pelo faturamento bruto anual e chegando ao lucro ou prejuízo do exercício social. Este demonstrativo é realizado com o intuito de ilustrar todas as movimentações envolvidas no processo de manutenção das atividades da empresa, sejam elas receitas ou despesas, e para mostrar o resultado destas operações, caracterizando aquilo que de fato está disponível para o uso, seja como remuneração dos proprietários, para investimentos ou aumento de caixa (REIS, 2003).

A estrutura de contas que constam na DRE é simples e objetiva. Para realizar a apuração do resultado, seja ele positivo ou negativo, em determinado exercício social, existem algumas contas básicas para analisar. São as contas que geram desembolso (como é o caso das despesas operacionais, custos de produção, despesas financeiras) e as que geram ingressos (como é o caso das receitas operacionais e o faturamento bruto anual). Além destas, constam aquelas referentes à tributação e abatimentos, descontos ou depreciações acumuladas no período (SÁ, 2005).

No Quadro 6, Morante (2007) e Silva (2012), discorrem sobre as contas que constam na DRE e apresentam as características de cada conta. As contas destacadas em negrito, são as contas totalizadoras. O restante das contas são

aquelas que deduzem dos totais até chegar ao lucro ou prejuízo - caso a empresa não tenha tido resultado operacional positivo - do exercício social.

Quadro 6 - Relação de contas que compõem a DRE.

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO (DRE)	
CONTAS	CARACTERÍSTICAS
Receita Operacional Bruta	É o faturamento anual, obtido pelas vendas ocorridas durante o exercício social.
(-) Impostos Sobre as Vendas	É uma conta dedutiva que refere-se a todos os impostos, repassados ao governo, referente às vendas dos produtos comercializados pela empresa.
(-) Devoluções e Abatimentos	É uma conta dedutiva que se refere aos descontos ou perdas concedidos pela empresa, pela venda ou devolução de produtos defeituosos.
(=) Receita Operacional Líquida	É a parte da receita que será utilizada para o pagamento de custos e despesas da empresa.
(-) Custos dos Produtos Vendidos	É uma conta dedutiva que se refere à todos os custos de produção envolvidos para a elaboração do produto.
(=) Lucro Bruto	É a receita obtida pela dedução dos custos dos produtos vendidos sobre a receita operacional líquida.
(-) Despesas Operacionais	É uma conta dedutiva, referente a todas as despesas administrativas e com vendas (salários, encargos sociais, aluguéis, comissões, propaganda, materiais de expediente), necessárias para a administração da empresa e para a comercialização dos produtos.
(=) Lucro Operacional Antes do Resultado Financeiro	É a parte da receita que demonstra o resultado obtido com todas as operações realizadas dentro da empresa.
(-) Receitas (Despesas) Financeiras	É uma conta dedutiva que se refere a todas as despesas provenientes de empréstimos, financiamentos, desconto de duplicatas e receitas provenientes de aplicações financeiras realizadas pela empresa.
(=) Lucro Antes dos Impostos	É a conta que ilustra a quantia de lucro auferida, sem a dedução referente ao imposto de renda e a contribuição social.
(-) Imposto de Renda e Contribuição Social	Refere-se ao percentual do lucro, que será deduzido e repassado ao governo sobre o Imposto de Renda e a contribuição social.
(=) Lucro Líquido do Exercício	É o valor que compreende o lucro obtido com todas as operações realizadas durante o exercício. Este lucro é dos proprietários e refere-se também para a sua remuneração.

Fonte: Morante (2007) e Silva (2012).

2.3 PRINCIPAIS ÍNDICES

Os demonstrativos financeiros representam uma fonte geradora de informações financeiras e gerenciais, para verificar, acompanhar e monitorar o desempenho econômico e financeiro das empresas. O uso de índices ou indicadores financeiros de liquidez, estrutura e de resultado, representam o instrumento de análise e interpretação dos dados contidos nos demonstrativos financeiros. Desta forma, estes índices proporcionam a transformação de dados em informações,

necessárias para a realização de análises gerenciais dos resultados financeiros que a empresa esteja apresentando ao longo dos anos (HELFERT, 2000).

Os índices são utilizados como uma análise primária da situação econômica, financeira e patrimonial das empresas, pois, estes indicadores indicam em valores absolutos ou percentuais, problemas ou potenciais problemas, sejam eles no curto ou no longo prazo. Além disso, estes quocientes permitem ao gestor financeiro compreender ou constatar o desempenho financeiro da empresa (SCHRICKEL, 1999).

A análise feita mediante a interpretação realizada com o uso de indicadores financeiros é relevante e é importante para compor o conjunto de instrumentos utilizados pelos gestores financeiros, para avaliar o desempenho financeiro da empresa. Isto porque, estes indicadores darão embasamento e sustentação para o processo de tomada de decisão (OLIVEIRA; SILVA; ZUCCARI, 2010).

Este capítulo visa esclarecer os índices financeiros e sua função gerencial. Serão abordados os indicadores financeiros de liquidez, de endividamento e de resultado.

2.3.1 Índices de liquidez ou de solvência

Primeiramente é necessário esclarecer o que é liquidez. O termo liquidez está vinculado à capacidade que uma empresa tem de transformar, mais rapidamente, seus ativos em dinheiro. Estes índices de liquidez são utilizados com o intuito de avaliar e compreender a liquidez e o momento financeiro em que a empresa se encontra (ASSAF NETO, 2006).

De acordo com Braga (1989), estes indicadores de solvência também são utilizados para evidenciar se a empresa consegue honrar seus compromissos de curto e de longo prazo. Segundo Assaf Neto (2006), para calcular estes indicadores é necessário conhecer as contas referentes ao ativo e ao passivo circulante da empresa. Fazem parte do conjunto de indicadores de liquidez os seguintes índices: i) Liquidez Imediata; ii) Liquidez Seca; iii) Liquidez Corrente; e iv) Liquidez Geral.

A seguir serão apresentados e conceituados cada um destes índices e sua função gerencial.

2.3.1.1 Liquidez imediata

Para Souza (2014), o indicador de liquidez imediata é utilizado com o propósito de compreender a capacidade da empresa em pagar todas as suas dívidas de curto prazo, somente com valores monetários referentes à conta existente no balanço patrimonial denominada de caixa e equivalentes de caixa (depósitos em contas de banco, por exemplo).

Este índice possui a função de mensurar se a empresa teria a possibilidade de arcar com todas as suas obrigações de curto prazo somente com os valores em que a organização possui o poder de transformá-lo, imediatamente, em dinheiro. Para realizar o cálculo da liquidez imediata, é utilizada a conta caixa e equivalentes de caixa que representa o disponível da empresa, e o total do passivo circulante (SOUZA, 2014).

2.3.1.2 Liquidez seca

De acordo com Assaf Neto (2006), este indicador representa a capacidade que a empresa tem de liquidar suas obrigações de curto prazo, mediante a utilização de recursos do ativo circulante que possuem maior grau de liquidez. Representando todas as contas do ativo circulante menos os estoques.

Para Souza (2014), este indicador exclui o ativo estoque para limitar o ativo circulante da empresa, ilustrando a capacidade de pagamento da mesma. Pois, sabe-se que esta conta só representa ganhos reais para a empresa, quando os estoques são transformados em produtos e vendidos, na demonstração do resultado do exercício. Para realizar o cálculo da liquidez seca, é utilizado o total do ativo circulante subtraindo a conta estoque, e o total do passivo circulante.

2.3.1.3 Liquidez corrente

Segundo Assaf Neto (2005), este índice visa demonstrar se a empresa possui ou não necessidade de capital de giro. Isto porque, o indicador ilustra se há sobra de caixa, após o pagamento de todas as suas obrigações de curto prazo.

Porém é importante ressaltar que pode haver distorções sobre o real significado deste resultado. Para Souza (2014), isso acontece, pois, como o

ativo/passivo circulante e o ativo/passivo não circulante são classificados de acordo com o prazo de pagamento ou de recebimento. Quando tais pagamentos (ativo) e tais recebimentos (passivos) são registrados havendo incompatibilidade no seu real pagamento ou recebimento, automaticamente, o indicador sofrerá alterações positivas ou negativas. Podendo então incorrer em duas situações: i) o índice poderá ser negativo e ainda assim a empresa obterá folga no seu caixa; ou ii) poderá incorrer um índice positivo havendo falta de recursos no caixa.

Portanto, para que este indicador não seja interpretado erroneamente, é dada a sugestão de avaliar o indicador apresentado pela empresa, juntamente, com o indicador de liquidez corrente médio do setor em que a mesma encontra-se inserida. Para realizar o cálculo da liquidez corrente, é utilizado o total do ativo circulante, e o total do passivo circulante (SOUZA, 2014).

2.3.1.4 Liquidez geral

Este indicador é utilizado para verificar se a empresa possui recursos financeiros necessários para saldar todas as suas dívidas de curto e longo prazo. Mas este indicador assim como o de liquidez corrente, pode distorcer a situação real da empresa. Isto ocorre porque, podem ser alocados recursos financeiros no balanço patrimonial com prazos diferentes. Logo, o valor indicado pelo cálculo deste índice pode ser maior que um, representando a condição de pagamento da empresa positiva, ou menor que um, representando falta de recursos para pagamento de todas as obrigações (SOUZA, 2014).

Para realizar o cálculo da liquidez geral, é utilizado o total do ativo circulante com a soma do realizável de longo prazo, e o total do passivo circulante e não circulante. Normalmente as empresas já apresentam em seu Balanço o valor do realizável de longo prazo. Quando este valor não estiver explícito, é necessário realizar um cálculo onde se diminui o total do ativo não circulante com o total do ativo imobilizado (SOUZA, 2014).

Sintetizando todas as fórmulas para os índices de liquidez, o Quadro 7 apresenta as respectivas fórmulas matemáticas.

Quadro 7 - Fórmulas para o cálculo dos índices de liquidez.

ÍNDICES	FÓRMULAS MATEMÁTICAS
Liquidez Corrente	$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
Liquidez Seca	$LS = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$
Liquidez Geral	$LG = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável de Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}}$
Liquidez Imediata	$LI = \frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$

Fonte: Assaf Neto (2005), Assaf Neto (2006) e Souza (2014).

2.3.2 Índices de endividamento ou de estrutura

Os índices de endividamento ou de estrutura são calculados para realizar a análise do capital próprio e do capital de terceiros. São indicadores importantes, pois, identificam a proporção de investimentos que são realizados na empresa com o auxílio de recursos financeiros de terceiros. São chamados de índices de endividamento porque demonstram a dependência da organização com relação aos recursos oriundos de capitais não próprios (HOJI, 2010).

Santos, Schmidt e Martins (2006, p.121) argumentam que:

Os índices de estrutura e endividamento objetivam evidenciar a composição das origens de recursos da empresa, quer sejam de capitais de terceiros ou de capitais próprios, bem como fornecer informações capazes de avaliar o comprometimento financeiro atual da empresa perante terceiros e, conseqüentemente, a capacidade de a empresa aumentar o seu endividamento.

Fazem parte dos indicadores de endividamento ou de estrutura os seguintes índices: i) Índice de Participação do Capital de Terceiros; ii) Índice de Garantia do Capital Próprio ao Capital de Terceiros; iii) Índice de Grau de Endividamento ou Endividamento Geral; iv) Índice de Qualidade da Dívida; e v) Índice de Endividamento Financeiro (HOJI, 2010).

Nas subseções abaixo serão abordados cada um dos cinco índices identificando suas características e relevância bem como sua aplicação matemática.

2.3.2.1 Índice de participação do capital de terceiros

Este índice é utilizado para medir o grau de participação dos recursos de terceiros para a obtenção de financiamento ou recursos que aumentem o ativo da empresa. Este índice indica o grau de participação e de dependência que a empresa apresenta sobre os recursos de terceiros. Os recursos de terceiros são obtidos com a soma do passivo circulante mais o passivo não circulante (HOJI, 2010).

2.3.2.2 Índice de garantia do capital próprio ao capital de terceiros

Pode-se dizer que as organizações possuem duas fontes básicas de recursos, próprios e de terceiros. Os recursos próprios são caracterizados como aqueles oriundos de capital social, reservas de lucros, integralização de bens no ativo pelos proprietários. E os recursos oriundos de terceiros, são aqueles coletados com instituições financeiras por meio de empréstimos e financiamentos e com fornecedores de insumos em geral e de matéria prima. Este índice é calculado com o intuito de verificar estas relações de capitais próprios e de terceiros. Seu objetivo é identificar com qual dos dois tipos de fontes de recursos financeiros, a empresa opera com maior grau de incidência ou de dependência (SÁ, 2005).

Para realizar este cálculo, é necessário realizar a divisão dos recursos próprios (patrimônio líquido) pelos recursos de terceiros (soma dos passivos circulantes e não circulantes) (SÁ, 2005).

2.3.2.3 Índice de grau de endividamento ou endividamento geral

Este índice indica se a empresa teria a possibilidade, caso ocorra algum evento inesperado, de saldar todas as suas obrigações sem utilizar recursos de terceiros, ou seja, somente utilizar seus recursos ou capital próprio para liquidar tais dívidas. O ideal é o resultado obtido mediante a aplicação da fórmula matemática abaixo, que o indicador seja o mais baixo possível. Caso o índice apresente valores muito altos, é um indício de que a empresa poderá ter problemas financeiros, uma vez que, a mesma possuirá uma situação de instabilidade perante o mercado em que atua. Isso significa que qual evento poderia prejudicar a situação econômica e financeira da empresa (PADOVEZE; BENEDICTO, 2011).

2.3.2.4 Índice de qualidade da dívida

Este índice é calculado com o intuito de conhecer o percentual de participação das obrigações que apresentam vencimento em curto prazo. Este indicador é calculado para entender do total das dívidas geradas pela empresa, quantos por cento são de curto prazo e quantos por cento são de longo prazo (HOJI, 2010).

2.3.2.5 Índice de endividamento financeiro

Este índice demonstra a porcentagem representativa do capital arrecadado juntamente e exclusivamente com instituições financeiras ou bancárias, referente aos empréstimos e financiamentos de curto e longo prazo, sobre o total arrecadado com os demais terceiros (MATARAZZO, 2010).

É calculado com o intuito de evidenciar o grau de confiança que a empresa tem perante estas instituições. Isto significa que, quanto mais recursos arrecadados com estas mesmas instituições, melhor o relacionamento, as negociações e as possibilidades de investimentos ainda maiores (MATARAZZO, 2010).

Sintetizando todas as fórmulas para os índices de endividamento ou de estrutura, o Quadro 8 apresenta as respectivas fórmulas matemáticas.

Quadro 8 - Fórmulas para o cálculo dos índices de endividamento ou estrutura.

ÍNDICES	FÓRMULAS MATEMÁTICAS
Participação do Capital de Terceiros	$PCT = \frac{\text{Capital de Terceiros}}{\text{Passivo Total}}$
Garantia do Capital Próprio ao Capital de Terceiros	$GCP = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Capital de Terceiros}}$
Grau de Endividamento ou Endividamento Geral	$GE = \frac{\text{Capital de Terceiros}}{\text{Patrimônio Líquido}}$
Qualidade da Dívida	$QD = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Capital de Terceiros}}$
Endividamento Financeiro	$EF = \frac{\text{Empréstimos e Financiamentos Bancários de Curto e de Longo Prazo}}{\text{Capital de Terceiros}}$

Fonte: Sá (2005), Hoji (2010), Matarazzo (2010) e Padoveze e Benedicto (2011).

2.3.3 Índices de resultado

Estes índices possuem a capacidade de ilustrar a rentabilidade e a lucratividade gerada pela empresa. Ambos expressam resultados financeiros para a organização. Estes indicadores procuram evidenciar os resultados obtidos com a aplicação de capitais e identificar se houve o retorno esperado com determinado investimento. Normalmente, os indicadores de rentabilidade evidenciam a capacidade de a empresa aumentar seu ativo e remunerar seus investidores gerando lucros para os mesmos. Assim, é possível identificar se a empresa possui a capacidade de ser rentável ao longo dos anos (HELFERT, 2000).

O objetivo dos quocientes de resultado é ilustrar a capacidade que a empresa terá em gerar lucros a cada real de vendas efetuadas, o tempo necessário que um investimento levará para gerar lucros e se o investimento será lucrativo, e também, apurar se houve lucro do ponto de vista do investidor próprio (proprietários da empresa), e, conseqüentemente aumento do patrimônio líquido (MARION, 2012).

2.3.3.1 Índice de taxa de retorno sobre o investimento

Este índice expressa a capacidade que a empresa tem em transformar investimentos em lucro. Sabe-se que, retorno nada mais é do que o lucro gerado por qualquer investimento realizado. E investimento é a operação realizada pela empresa para gerar lucro. Quando a empresa realiza esta operação com eficácia o lucro é gerado. E é isso que este indicador procura mostrar. São utilizados para este cálculo o lucro líquido operacional porque representa o lucro obtido com a atividade fim da empresa e o ativo total que representa todos os investimentos realizados pela mesma (MARION, 2012).

2.3.3.2 *Pay-back* ou prazo de retorno do investimento

Este indicador tem duas formas de medição: uma em relação ao total dos investimentos, independentemente da origem do capital, ou sobre o patrimônio líquido, que considera os recursos investidos pelos proprietários (ROSA, 2007).

2.3.3.3 Índice de rentabilidade

Este índice é o responsável por fornecer a rentabilidade gerada no exercício social, somente com recursos provenientes do patrimônio líquido. Isto significa dizer, qual o percentual de eficiência de ganhos, foi gerado pelos recursos dos proprietários (FRANCO,1989).

2.3.3.4 Índice de lucratividade

O índice de lucratividade também conhecido como margem de lucro líquido ou margem líquida, indica de forma percentual o quanto restou para a empresa de cada real obtido com as vendas, após todas as deduções referentes aos custos, despesas, tributos e entre outros. Este indicador é interpretado como, quanto maior melhor. Já que, o índice de lucratividade está relacionado ao crescimento e ao sucesso empresarial e também a eficiência que as organizações possuem em realizar seus processos e operações (GITMAN, 2010).

De acordo com Brigham e Houston (1999, p.89): “Este quociente mede o lucro por unidade monetária de vendas e é calculado dividindo-se o lucro líquido pelas vendas”.

Sintetizando todas as fórmulas para os índices de resultado, o Quadro 9 apresenta as respectivas fórmulas matemáticas.

Quadro 9 - Fórmulas para o cálculo dos índices de resultado.

ÍNDICES	FÓRMULAS MATEMÁTICAS
Taxa de Retorno sobre o Investimento	$TRI = \frac{\text{Lucro Líquido Operacional}}{\text{Ativo Total}}$
<i>Pay-Back</i> ou tempo de retorno do investimento	$PB = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Lucro Líquido Operacional}}$
Rentabilidade	$R = \frac{\text{Lucro Líquido Operacional}}{\text{Patrimônio Líquido}}$
Lucratividade	$L = \frac{\text{Lucro Líquido Operacional}}{\text{Faturamento Bruto Anual}}$

Fonte: Franco (1989), Gitman (2010) e Marion (2012).

2.3.4 Análise vertical e análise horizontal

A análise horizontal e vertical constitui um instrumento que auxilia, conjuntamente com os indicadores financeiros, o administrador financeiro na tomada de decisão. Abaixo segue a explanação de cada uma destas duas análises.

A análise vertical é realizada com o intuito de verificar o grau de participação de cada conta ou grupo de conta, em relação ao valor total do demonstrativo. Esta análise é realizada calculando-se uma conta qualquer do ativo, por exemplo, a conta caixa e dividindo pelo total do ativo. É expresso em percentual para indicar a importância que determinada conta possui em relação ao valor total do demonstrativo ou em relação ao total de um subgrupo de contas (MATARAZZO, 2003).

O objetivo da análise vertical é encontrar a proporcionalidade em que cada conta é executada dentro da empresa, isto é, com esta análise é possível identificar a principal fonte geradora de recursos próprios, de terceiros, o principal destino dos recursos capitados e as principais contas geradoras de obrigações e de direitos da empresa (REIS, 2006).

A análise horizontal é realizada para compreender a evolução, entre dois ou mais exercícios sociais, das contas ou subgrupos de contas que existem nos demonstrativos financeiros. Esta análise é calculada dividindo aos valores, da mesma conta, sempre do exercício social mais antigo para o mais atual. Este indicador também é expresso em forma de porcentagem, para visualizar o processo evolutivo da conta. Vale lembrar que, a evolução pode se dar de forma positiva ou negativa. Isto varia de acordo com a interpretação de cada conta e com o crescimento ou declínio esperado pela mesma (MATARAZZO, 2003).

O objetivo da análise horizontal é identificar o grau de evolução que cada conta pode apresentar. Por exemplo, é interessante que a conta capital social ou lucro líquido do exercício cresça continuamente, pois expressa a eficiência da empresa em gerar lucros e aumentar o capital próprio. Esta análise é feita para verificar o processo de crescimento e evolução econômico-financeira e patrimonial das empresas e para aprofundar a análise em contas que apresentem desempenho insatisfatório (REIS, 2006).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é utilizada para o estabelecimento de parâmetros de pesquisa, logo, procedimentos metodológicos se resumem na aplicação de técnicas para fundamentar e aprimorar projetos científicos. Para se estabelecer os procedimentos metodológicos, faz-se necessário o uso de métodos que correspondem às diretrizes necessárias para a execução e entendimento de objetivos (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

O método científico é uma ferramenta adotada pela ciência no modo geral, composta por métodos, técnicas e regras empregadas para o uso em estudos com fins científicos na definição de objetivos e problemas, bem como a interpretação de variáveis. O método científico existe para nortear os rumos das investigações e sustentar as suposições e interpretações realizadas pelos autores. É uma maneira utilizada como justificativa para o detalhamento de todas as técnicas de pesquisa, de investigação, de coleta e de análise de dados (GALLIANO, 1979).

Por fim, para que uma pesquisa seja validada é fundamental utilizar-se de métodos científicos que dão embasamento teórico aos tipos de dados coletados, maneira como se faz à análise destes dados, quais resultados foram levantados e quais soluções podem ser apontadas. Desta forma, o método científico é uma premissa necessária para legitimar as maneiras pelas quais foram desenvolvidas o estudo (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Assim, neste capítulo estará descrito os procedimentos adotados para a execução do estudo como, delineamento da pesquisa, definição da área e/ou população alvo, plano de coleta de dados e plano de análise de dados.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento serve para traçar os métodos realizados no estudo, e é composto por duas formas: i) quanto aos fins de pesquisa e ii) quanto aos meios de investigação. O delineamento da pesquisa é utilizado para explicitar a abordagem empregada no estudo, para a maneira pela qual o mesmo se desenvolverá (fins) e como se chegará a determinado resultado (meios) proposto. Descrevendo toda a estrutura detalhada daquilo que se deseja realizar no projeto (APPOLINÁRIO, 2012).

Quanto aos fins de pesquisa, existem as seguintes pesquisas: i) exploratória, ii) descritiva, iii) explicativa, iv) metodológica, v) aplicada e vi) intervencionista. Quanto aos meios de investigação existem as seguintes pesquisas: i) pesquisa de campo, ii) pesquisa de laboratório, iii) documental, iv) bibliográfica, v) experimental, vi) *ex post facto*, vii) participante, viii) pesquisa-ação e ix) estudo de caso (VERGARA, 2009).

O estudo em questão se desenvolveu quanto aos fins de pesquisa em dois dos diferentes tipos citados acima, que são a pesquisa descritiva e a pesquisa explicativa.

A pesquisa descritiva preocupa-se em avaliar, monitorar e descrever fatos com o intuito de investigar, registrar e relacionar fatores específicos ao tema em estudo. Este tipo de pesquisa busca apenas compreender os fenômenos envolvidos ao problema. Desta forma, analisa variáveis e aponta outros aspectos relacionados no processo como forma de aprofundamento da pesquisa (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

O estudo se desenvolveu de maneira descritiva, pois, descreverá os índices de liquidez, de estrutura e de resultado associados ao desempenho da empresa. Também descreverá a utilização das análises vertical e horizontal dos relatórios de dados coletados.

A pesquisa explicativa é um tipo de investigação que dá ao autor a liberdade em explicar algo, esclarecer e tornar de fácil entendimento aquilo que está sendo pesquisado. Portanto, é um tipo de pesquisa que busca encontrar explicações para tal fato ou fenômeno em estudo e pode estar baseado na pesquisa descritiva, por exemplo (VERGARA, 2009).

Realizar-se-á um trabalho de caráter explicativo, uma vez que, irá apresentar análises sobre os resultados obtidos da interpretação dos índices financeiros e desenvolverá relatórios para analisar os fatos observados na realização do estudo.

Quanto aos meios de investigação o estudo será aplicado em três das nove formas apresentadas acima, pesquisa bibliográfica, documental e um estudo multicaso. Abaixo seguem as definições para cada uma das maneiras adotadas para a condução do estudo.

A pesquisa bibliográfica é aquela cuja finalidade é basear-se em conceitos já publicados e escritos anteriormente sobre o estudo em questão. Desta

forma, o objetivo deste tipo de pesquisa é proporcionar ao pesquisador a possibilidade de envolver-se no estudo, aprofundando-se no tema e apresentar sugestões ou até soluções para o problema em estudo. A pesquisa bibliográfica é realizada em fontes bibliográficas como artigos, dissertações, teses, livros, revistas, jornais, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 1996). Este tipo de pesquisa é indispensável para a construção de estudos científicos constituindo a base teórica necessária para a condução do conhecimento científico (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

O presente estudo foi desenvolvido e baseado na pesquisa bibliográfica porque utilizou-se de referenciais teóricos encontrados em livros, artigos e dissertações.

Pesquisa documental é aquela cujo objetivo é a coleta de dados a partir de documentos. Estes documentos são encontrados em fontes primárias e em horizontes de tempo passado ou atual. Estes documentos podem ser de arquivos de órgãos governamentais, oficiais, estatísticos, leis, dados particulares de empresas, sindicatos, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 1996). É constituída por dados ou informações primárias o que representa a principal diferença entre as pesquisas documental e bibliográfica (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

O presente trabalho realizou-se por meio de dados e arquivos documentais coletados com a empresa que serviram de base para desenvolver o presente estudo.

As pesquisas chamadas de estudo de caso são aquelas que são baseadas e restritas a um estudo de caso específico ou em vários (quando for mais de um caso chamamos de estudo multicase) em que o estudo toma por base as informações e características do caso que o pesquisador escolheu como objeto de estudo. Por haver limitação daquilo que se pode encontrar em dados e em informações, torna-se um estudo restrito e trata do tema com mais profundidade e detalhamento (VERGARA, 2009).

Este projeto é caracterizado como um estudo multicase porque desenvolveu a pesquisa baseada em dados específicos das quatro empresas selecionadas como objeto de estudo.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO

Faz-se necessário definir a área ou população alvo do estudo para delimitar os participantes ou o grupo de participantes (neste caso empresas) que contém as características necessárias e selecionadas para fazerem parte da contextualização e compreensão do estudo (VERGARA, 2009).

O estudo em questão foi baseado num grupo de quatro empresas selecionadas aleatoriamente, que estão inseridas no mesmo setor industrial de atuação. A seguir, serão apresentadas todas as informações relevantes sobre o perfil do segmento em estudo que se encontram estas quatro empresas, o setor cerâmico. Duas das empresas estão localizadas no pólo cerâmico de Criciúma no estado de Santa Catarina (SC) e as outras duas empresas encontram-se no pólo cerâmico de Santa Gertrudes em São Paulo (SP).

O setor cerâmico brasileiro contribui com cerca de 1% no Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, de acordo com dados do Banco do Nordeste (2010). Este setor apresenta outras subdivisões que representam os subsetores que compõem o macrossetor cerâmico, como por exemplo, cerâmica vermelha, branca, materiais refratários, cerâmica de revestimentos, entre outros. Este estudo se concentrará, em analisar o perfil das cerâmicas de revestimentos. A cerâmica de revestimento no Brasil situa-se em algumas regiões: Criciúma (SC), Mogi Guaçu (SP), Santa Gertrudes (SP) e o Nordeste brasileiro. Estas regiões produtoras dão ao Brasil a segunda posição mundial tanto na produção quanto no consumo destes produtos (ANFACER, 2012)

Este setor é um importante gerador de empregos no país, empregando cerca de 25 mil trabalhadores e gerando outros 200 mil empregos indiretos em todo o país. No ano de 2013 a produção brasileira chegou a 871,6 milhões de metros quadrados e exportou 63,32 milhões de metros quadrados, gerando o faturamento de US\$ 279,8 milhões. Para o ano de 2014 a estimativa é de que sejam produzidos 917,2 milhões de metros quadrados de revestimentos (ANFACER, 2014).

Portanto, é um setor em expansão que conjuntamente com o crescimento econômico do país, da construção civil e do ramo imobiliário, estimula a geração e o crescimento empresarial e do setor como um todo (SEBRAE, 2012).

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

O plano de coleta de dados refere-se às técnicas utilizadas pelo pesquisador para realizar a coleta de dados e informações pertinentes ao estudo. Para isso, é necessário definir qual será o tipo de fonte de dados utilizada pelo autor para a realização desta etapa do estudo. Essas fontes de informação são importantes para se realizar o levantamento dos dados adequados, que corresponderão ao propósito do tema, objetivos e problema identificados para o projeto. Estas fontes classificam-se em dois tipos: i) fontes primárias, e ii) fontes secundárias. O estudo estará baseado nestes dois tipos de fontes de dados, que a seguir serão explanadas (CHIZZOTTI, 2001).

As fontes primárias são aquelas que ainda não foram coletadas, analisadas, interpretadas ou pesquisadas antes. Este tipo de pesquisa pode originar outros estudos, já que, constituem as fontes utilizadas por pesquisadores para a realização das pesquisas documentais (ANDRADE, 2010).

As fontes secundárias representam a possibilidade que o pesquisador terá em coletar dados antes já pesquisados e interpretados por outros autores. As fontes secundárias constituem-se como a fonte principal para desenvolver as pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010).

O trabalho foi desenvolvido em fontes primárias, ou seja, criação de relatórios de resultados e de apresentação de soluções ou alternativas de gerenciamento de indicadores financeiros; e em fontes secundárias, isto é, coleta de dados necessários para a execução da pesquisa primária, já desenvolvidas pelas empresas. As fontes secundárias referem-se aos veículos de comunicação nos quais os demonstrativos financeiros foram publicados.

É necessário definir quais técnicas e procedimentos serão adotados para a realização da coleta de dados, para que se possam atingir os objetivos delineados no início deste capítulo. Como o estudo está baseado em coletar dados tanto primários como secundários, o procedimento e o instrumento para a coleta destes dados é diferente para cada uma destas fontes (MATIAS-PEREIRA, 2012).

Para a coleta de dados primários foi realizada a abordagem de estudo de caso como técnica de coleta de dados. O estudo de caso representa um método de pesquisa em que o objetivo é a coleta e análise de dados específicos, sobre fenômenos contemporâneos ou reais. Para isso, a pesquisa será realizada com o

apoio de instrumentos de coletas de dados como relatórios, textos e planilhas baseadas na análise de dados extraídas do case estudado (YIN, 2010).

Para a coleta de dados secundários foi utilizado a técnica de coleta de dados por meio de dados documentais. O uso deste tipo de técnica é empregado quando se deseja coletar informações que não foram editadas ou analisadas e quando se desejar dar confiabilidade e embasamento para o estudo. Assim, os procedimentos ou instrumentos utilizados para a coleta de informações secundárias se darão por meio de fórmulas matemáticas, documentos ou relatórios das empresas, relatórios de resultado e de análise do período em estudo e livros (MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

O Quadro 10 sintetiza o plano de coleta de dados adotado para desenvolver a pesquisa e executar o estudo.

Quadro 10 - Plano de coleta de dados.

PLANO DE COLETA DE DADOS			
DADOS PRIMÁRIOS		DADOS SECUNDÁRIOS	
TÉCNICA	INSTRUMENTOS	TÉCNICA	INSTRUMENTOS
Estudo Multicaso	<p>i) Elaboração de relatórios para cada empresa, com a análise da situação econômica e patrimonial de cada empresa para os anos de 2012 e 2013;</p> <p>ii) Interpretação dos índices extraídos dos cálculos matemáticos para cada empresa.</p>	Dados Documentais	<p>i) Coleta de relatórios financeiros de cada uma das empresas em estudo (BP e DRE);</p> <p>ii) Execução de fórmulas matemáticas para posterior avaliação da situação econômica e patrimonial das empresas objetos do estudo.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS

Quanto ao tipo de abordagem a ser tratado o dado, a pesquisa pode ser quantitativa ou qualitativa. É necessário que se esclareça nos procedimentos metodológicos do estudo, qual será o tipo de abordagem a realizar-se, para que se possa estabelecer qual a técnica a ser adotada para a futura análise e tratamento de todos os dados coletados durante o estudo (GONÇALVES; MEIRELLES, 2004).

A pesquisa adotou o método de análise qualitativa dos dados, pois, é aquela em que se realizarão o desenvolvimento de relatórios de resultados.

Portanto, este tipo de abordagem é recomendado para estudos que necessitam compreender e interpretar os resultados obtidos com a pesquisa (PINHEIRO, 2010).

Pesquisa qualitativa é aquela em que o pesquisador preocupa-se em compreender e analisar fatos, acontecimentos ou fenômenos, a partir de um contexto previamente escolhido ou em estudo. O objetivo para a escolha deste tipo de pesquisa é o de aprofundar conhecimentos, compreender e desenvolver análises por meio de objetos de estudo, com o intuito de desenvolver métodos para a verificação, apresentação de opiniões, panoramas, conceitos, aspectos e fenômenos que estão ligados de alguma forma e demonstram a perspectiva da realidade pela ótica do pesquisador (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

4 EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

Nesta seção serão apresentados os índices de liquidez, de endividamento e de resultado, bem como a análise vertical e horizontal e suas respectivas interpretações.

4.1 ÍNDICES DE LIQUIDEZ

No Quadro 11 seguem todos os índices de liquidez das quatro empresas em estudo, em dois exercícios sociais distintos, 2012 e 2013.

Quadro 11 - Índices de Liquidez

		Portobello	Eliane	Delta	Jatobá
2012	Liquidez Corrente	1,097	0,645	2,010	1,274
	Liquidez Seca	0,735	0,511	1,146	0,553
	Liquidez Geral	0,877	0,782	0,933	0,635
	Liquidez Imediata	0,171	0,012	0,018	0,061
2013	Liquidez Corrente	1,232	0,929	1,570	1,352
	Liquidez Seca	0,721	0,751	0,761	0,446
	Liquidez Geral	0,880	0,806	0,818	0,551
	Liquidez Imediata	0,159	0,040	0,038	0,041

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A liquidez corrente apresentada pelas empresas Portobello, Delta e Jatobá demonstrou um índice acima de um (1,0), significando que em ambos os exercícios sociais, estas empresas possuem sobra de caixa para liquidar suas obrigações em curto prazo. A empresa Eliane mesmo elevando seu indicador no ano de 2013, apresentou índices abaixo de um (1,0), ou seja, faltaram recursos para quitar suas dívidas em curto prazo.

O índice de liquidez seca é um indicador que apresenta valores menores do que aqueles apresentados pela liquidez corrente, uma vez que, é considerado um indicador moderado, pois exclui a conta estoques, conta esta que em caso de necessidades de recursos, só é possível utilizá-la quando transformado em produto, ou ainda por não possuir alta liquidez. Por este fato, os valores acima encontrados

de liquidez seca, apresentam-se de forma equivalente a um (1,0) ou abaixo de um (1,0).

O indicador de liquidez geral indica que a Portobello em 2012, de cada \$ 1,00 que possui de obrigações para pagar em curto e em longo prazo, possui \$ 0,87 de direitos para receber em curto e em longo prazo. É assim sucessivamente para interpretar os demais valores das demais empresas em cada ano. É importante destacar que, este indicador deve ser avaliado em conjunto com as mutações e evoluções que ocorreram nas contas como, por exemplo, caixa, capital social, imobilizado, empréstimos e financiamentos, já que são contas que justificam que ações ou providências a empresa está tomando para melhor evidenciar a situação patrimonial da empresa.

O indicador de liquidez imediata é conservador, pois, ignora os direitos a receber em curto prazo, porém importante, para analisar a situação de curto prazo em que a empresa se encontra e avaliar as condições de caixa. A interpretação deste índice é a seguinte: para cada \$ 1,00 de compromissos a curto prazo, a Portobello havia apenas \$ 0,17 para liquidar esta mesma dívida imediatamente no ano de 2012. E assim sucessivamente para interpretar os demais valores das demais empresas em cada ano. Outra consideração a fazer sobre este índice é que este desconsidera as datas de vencimento de cada obrigação gerada. Portanto, é pouco relevante para indicar com certeza as condições financeiras da empresa.

4.2 ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

No Quadro 12 seguem todos os índices de endividamento das quatro empresas em estudo, nos dois exercícios sociais em estudo, 2012 e 2013.

Quadro 12 - Índices de Endividamento

		Portobello	Eliane	Delta	Jatobá
2012	Participação do Capital de Terceiros	82,7%	89,5%	92,1%	61,7%
	Garantia do Capital próprio ao Capital de Terceiros	20,9%	11,7%	8,6%	62,2%
	Grau de Endividamento ou Endividamento Geral	478,3%	852,3%	1163,3%	160,8%
	Qualidade da Dívida	54,5%	57,4%	39,1%	48,3%
	Endividamento financeiro	27,2%	33,8%	32,5%	54,8%

Continua...

Continuação...

		Portobello	Eliane	Delta	Jatobá
2013	Participação do Capital de Terceiros	79,9%	85,9%	94,0%	75,5%
	Garantia do Capital próprio ao Capital de Terceiros	25,2%	16,5%	6,4%	32,5%
	Grau de Endividamento ou Endividamento Geral	396,8%	607,3%	1564,0%	307,9%
	Qualidade da Dívida	45,6%	45,2%	41,1%	39,7%
	Endividamento financeiro	0,384	0,259	0,398	0,609

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O índice de participação do capital de terceiros indica que, nos dois exercícios sociais as quatro empresas possuem mais de 60% de seus recursos capitados por terceiros. Assim, percebe-se que as empresas possuem dependência financeira perante instituições financeiras, fornecedores em geral, governo, entre outros.

As empresas Portobello e Eliane apresentaram aumento em seus indicadores de participação do capital próprio em relação ao capital de terceiros no ano de 2013. As empresas Delta e Jatobá apresentaram queda neste indicador no ano de 2013. Porém, é importante destacar que todas as empresas estão com índices muito baixos, significando que de seu endividamento total com terceiros apresentam baixos percentuais de recursos próprios como garantia de pagamento destes compromissos assumidos no curto e longo prazo.

O endividamento geral é um indicador utilizado para medir a possibilidade que a empresa teria em saldar suas dívidas somente com recursos próprios, caso houvesse algum evento inesperado. Ou seja, quanto mais baixo for o indicador melhor será sua posição financeira perante o mercado, uma vez que, a empresa teria condições para honrar seus compromissos sem prejudicar a situação econômica e financeira da mesma. Porém, as quatro empresas apresentaram indicadores muito altos e acima de 100%, ou seja, as empresas não possuem estabilidade e estão vulneráveis a quaisquer fatos que venham a ocorrer, além de apresentar dependência financeira com terceiros e alto grau de endividamento. Não só o endividamento geral, mas também os indicadores de participação de terceiros e o de garantia de capital próprio ao de terceiros, vêm demonstrando o alto nível de endividamento que estas empresas estão apresentando. É relevante analisar se é uma situação independente e particular de cada empresa, ou se está ocorrendo com o setor industrial em que se encontram inseridas.

A qualidade da dívida apresentada pelas empresas demonstra que seus indicadores caíram de 2012 para 2013, com exceção da empresa Delta que elevou em 2%. Isso significa que entre 39% e 57% das dívidas das empresas são de curto prazo. O ideal seria que este indicador apresentasse percentuais abaixo de 50% já que, em tempos de crise e/ou instabilidade financeira as empresas teriam tempo para saldar inicialmente suas dívidas de curto prazo, que em geral são dívidas que quando não liquidadas possuem taxas de juro mais elevadas.

O índice de endividamento financeiro indica o grau de confiança que cada uma das empresas apresenta perante as instituições bancárias e financeiras com quem mantêm contratos de empréstimos e financiamentos sejam no curto ou no longo prazo. Percebe-se que ainda havendo aumentos nos indicadores apresentados pelas empresas no ano de 2012 para o ano de 2013, o índice sugere que as empresas estão pouco confiáveis no mercado em que atuam ou ainda estão recebendo poucos investimentos para gerar aumento em seu ativo. Esta situação pode estar relacionada aos demais indicadores de endividamento apresentados pelas empresas que se encontram ruins e que são analisados pelos bancos como forma de aval para liberar ou não recursos.

4.3 ÍNDICES DE RESULTADO

No Quadro 13 seguem todos os índices de resultado das quatro empresas em estudo, nos exercícios sociais de 2012 e 2013.

Quadro 13 - Índices de Resultado

		Portobello	Eliane	Delta	Jatobá
2012	Taxa de Retorno sobre o investimento	8,9%	-0,6%	2,8%	-13,9%
	Pay-Back	1,936	-18,425	2,785	-2,762
	Rentabilidade	51,7%	-5,4%	35,9%	-36,2%
	Lucratividade	10,0%	-0,8%	2,3%	-20,5%
2013	Taxa de Retorno sobre o investimento	9,5%	4,3%	0,7%	-13,4%
	Pay-Back	2,120	3,324	8,721	-1,831
	Rentabilidade	47,2%	30,1%	11,5%	-54,6%
	Lucratividade	11,6%	5,8%	0,9%	-21,0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A taxa de retorno sobre o investimento estabelece que, para cada \$ 100,00 gerados de investimentos a Portobello recebeu de lucro sobre este

investimento \$ 8,90 no exercício de 2012. Este raciocínio equivale para as interpretações das demais empresas e nos dois exercícios sociais. As empresas Portobello e Eliane aumentaram seus indicadores de um exercício social para o outro. Principalmente a Eliane que saiu do prejuízo e conseguiu gerar investimentos lucrativos para a empresa. A empresa Delta diminuiu seus indicadores de 2012 para 2013, ocorrendo involução dos investimentos, isto é, investimentos que deixaram de gerar ou geraram menos lucros. A empresa Jatobá permaneceu nos dois períodos em análise, com lucratividade sobre investimentos negativa, ou seja, tiveram prejuízos nos investimentos que realizaram e ineficiência em suas operações.

O índice de *Pay-Back* indica o tempo de retorno que um investimento levará para iniciar a geração de lucros. As empresas Portobello, Eliane e Delta indicaram por meio deste índice que, o tempo de retorno de seus investimentos aumentou, elevando o risco de que determinado capital aplicado foi mal investido ou ainda limitou outras ofertas de barganha que poderão ter surgido neste espaço de tempo. A empresa jatobá diminuiu o seu indicador de 2012 para 2013, porém ambos *pay-backs* estão negativos, o que significa dizer que o projeto realizado corroe o dinheiro dos próprios proprietários.

O índice de rentabilidade indica em razão percentual o quanto do patrimônio líquido foi transformado em lucro pela empresa. Quanto maior for este indicador, melhor. A empresa Portobello apresentou 51,7% de ganhos em 2012 e diminuiu no ano de 2013 para 47,2%. A Empresa Eliane melhorou consideravelmente seu índice que em 2012 não apresentou ganhos, ou seja, apresentou prejuízos (-5,4%). Já em 2013 conseguiu reverter a situação positivamente elevando para 30,1%. A Delta diminuiu sua rentabilidade que era de 35,9% em 2012 para 11,5% em 2013. Porém, a pior situação fica por parte da empresa Jatobá, em função de prejuízos que vêm ocorrendo sistematicamente em sua demonstração do resultado do exercício nos anos de 2012 e 2013.

O índice de lucratividade é muito importante para avaliar a quantidade de lucro gerada em função da quantidade de produtos/serviços vendidos. A empresa Portobello operou com um indicador que variou entre 10% e 12% de lucratividade sobre tudo aquilo que vendeu nos dois períodos, ou seja, do seu total de faturamento bruto, 10% sobrou de lucro para a empresa. A Eliane melhorou este indicador no ano de 2013, pois conseguiu se recuperar dos prejuízos que ocorreram no ano anterior e que resultaram num índice negativo. A empresa Delta por sua vez,

diminuiu os lucros auferidos em 2013 já que aumentou suas despesas operacionais e diminuiu sua receita bruta. A pior situação novamente foi a da empresa Jatobá, que vem acumulando prejuízos seguidos desde o ano de 2012, e como este indicador tem participação direta com o lucro da empresa, demonstrou mais uma vez ineficiência em seus processos. A empresa Jatobá enfrenta sérios problemas financeiros, como os indicadores de resultado vêm apontando.

4.4 ANÁLISE VERTICAL E ANÁLISE HORIZONTAL

A análise horizontal refere-se ao comportamento dos itens que compõem as demonstrações financeiras, bem como dos índices de liquidez, de resultado e de endividamento. Por outro lado, a análise vertical correlaciona cada um dos componentes das demonstrações financeiras com os totais das mesmas, ou seja, total de Ativo, de Passivo e Receita Bruta Anual.

4.4.1 Portobello

Quadro 14 – Análise vertical e horizontal do ativo da Portobello.

ATIVO			A.V	A.V	A.H
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Caixa e Equivalentes de Caixa	55.389	56.576	5,81%	7,70%	-2,10%
Contas a Receber	158.522	137.626	16,63%	18,72%	15,18%
Estoques	177.666	119.932	18,64%	16,31%	48,14%
Tributos a Recuperar	17.281	1.450	1,81%	0,20%	1091,79%
Despesas Antecipadas	0	354	0,00%	0,05%	-100,00%
Outros Ativos Circulantes	19.096	47.828	2,00%	6,51%	-60,07%
TOTAL ATIVO CIRCULANTE	427.954	363.766	44,90%	49,48%	17,65%
ATIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012			
Ativo Realizável a Longo Prazo	241.993	169.757	25,39%	23,09%	42,55%
Investimentos	678	678	0,07%	0,09%	0,00%
Imobilizado	264.424	185.841	27,74%	25,28%	42,29%
Intangível	18.058	15.120	1,89%	2,06%	19,43%
TOTAL ATIVO NÃO CIRCULANTE	525.153	371.396	55,10%	50,52%	41,40%
ATIVO TOTAL	953.107	735.162	100%	100%	29,65%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Quadro 14 demonstra que, as contas que possuem mais contribuição para o aumento do ativo total são as contas a receber, estoques, realizável a longo prazo e o imobilizado.

A análise horizontal apontou que a conta estoques evoluiu mais de 48% e a conta tributos a recuperar apresentou a evolução mais significativa, com um aumento de mais de 1000%. O ativo realizável de longo prazo e o imobilizado apresentaram evolução de mais de 42% de 2012 para 2013. Estas evoluções explicam o aumento de 29,65% que ocorreu no total do ativo da empresa de 2012 para 2013.

Quadro 15 – Análise vertical e horizontal do passivo da Portobello.

PASSIVO			A.V	A.V	A.H
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Obrigações Sociais e Trabalhistas	19.398	17.581	2,04%	2,39%	10,34%
Fornecedores	152.441	120.122	15,99%	16,34%	26,91%
Obrigações Fiscais	24.415	32.062	2,56%	4,36%	-23,85%
Empréstimos e Financiamentos	91.068	75.584	9,55%	10,28%	20,49%
Outras Obrigações	39.458	38.292	4,14%	5,21%	3,05%
Provisões	20.571	48.004	2,16%	6,53%	-57,15%
TOTAL PASSIVO CIRCULANTE	347.351	331.645	36,44%	45,11%	4,74%
PASSIVO NÃO CIRCULANTE					
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012			
Empréstimos e Financiamentos	201.100	90.016	21,10%	12,24%	123,40%
Outras Obrigações	116.667	112.479	12,24%	15,30%	3,72%
Tributos Diferidos	29.154	16.309	3,06%	2,22%	78,76%
Provisões	66.986	57.594	7,03%	7,83%	16,31%
TOTAL PASSIVO NÃO CIRCULANTE	413.907	276.398	43,43%	37,60%	49,75%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO					
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	191.849	127.119	20,13%	17,29%	50,92%
Capital Social Realizado	46.065	40.798	4,83%	5,55%	12,91%
Reservas de Capital	-2.545	267	-0,27%	0,04%	-1053,18%
Reservas de Lucros	115.651	50.069	12,13%	6,81%	130,98%
Lucros/Prejuízos Acumulados	0	0			
Outros Resultados Abrangentes	32.678	35.985	3,43%	4,89%	-9,19%
PASSIVO TOTAL	953.107	735.162	100%	100%	29,65%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As contas fornecedores, empréstimos e financiamentos, outras obrigações, capital social e reservas de lucros desempenham papel fundamental para a composição do passivo total da empresa. Destas contas, a análise horizontal apontou que a conta empréstimos e financiamentos no curto e no longo prazo apresentaram um aumento total de 143,89%. Assim, percebe-se que a empresa no exercício social de 2013 tomou capital de bancos e instituições financeiras em quantidade significativa. A outra conta que apresentou mais de 130% de evolução de 2012 para 2013, foi a reserva de lucros.

Quadro 16 – Análise vertical e horizontal da DRE da Portobello.

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO			A.V	A.V	A.H
	2013	2012	2013	2012	
Receita de Venda de Bens e/ou Serviços	781.638	659.489			18,52%
	-	-			
Custo dos Bens e/ou Serviços Vendidos	531.382	456.861	68,0%	69,27%	16,31%
Resultado Bruto	250.256	202.628	32,0%	30,73%	23,51%
	-	-			
Despesas/Receitas Operacionais	119.083	-91.826	15,2%	13,92%	29,68%
Resultado Antes do Resultado Financeiro e dos Tributos	131.173	110.802	16,8%	16,80%	18,39%
Despesas Financeiras	-38.555	-37.355	4,9%	5,66%	3,21%
Receitas Financeiras	18.680	15.924	2,4%	2,41%	17,31%
Resultado Financeiro	-19.875	-21.431	-2,5%	-3,25%	-7,26%
Resultado Antes dos Tributos sobre o Lucro	111.298	89.371	14,2%	13,55%	24,53%
Imposto de Renda e Contribuição Social sobre o Lucro	-20.802	-23.707	2,7%	3,59%	12,25%
	-	-			-
LUCRO/PREJUÍZO DO PERÍODO	90.496	65.664	11,6%	9,96%	37,82%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical da DRE ilustrada acima aponta que o custo dos bens e/ou serviços vendidos representa entre 68 e 70% do faturamento bruto. E as despesas operacionais variaram entre 13 e 15% do faturamento bruto anual. Estas duas contas são as duas principais redutoras do faturamento bruto anual gerado pela empresa. Já a análise horizontal mostrou que as variações das contas ficaram estáveis, porém o aumento de mais de 18% no faturamento possibilitou um lucro maior de 2012 para 2013 elevando-se para 37,82%.

4.4.2 Eliane

Quadro 17 – Análise vertical e horizontal do ativo da Eliane.

ATIVO			A.V	A.V	A.H
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Caixa e equivalentes de caixa	10.564	4.319	1,57%	0,62%	144,59%
Aplicações financeiras e contas corrente vinculadas	12.869	23.208	1,91%	3,34%	-44,55%
Contas a receber de clientes	122.278	126.927	18,14%	18,26%	-3,66%
Estoques	46.531	47.760	6,90%	6,87%	-2,57%
Impostos a recuperar	6.691	7.520	0,99%	1,08%	-11,02%
Crédito com a Eletrobrás	26.781	2.441	3,97%	0,35%	997,13%
Ativos mantidos para venda	6.448	6.448	0,96%	0,93%	0,00%
Outros créditos	7.479	7.102	1,11%	1,02%	5,31%
Despesas antecipadas	3.215	4.346	0,48%	0,63%	-26,02%
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	242.856	230.071	36,03%	33,10%	5,56%

Continua...

...Continuação.

ATIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012			
Impostos a recuperar	4.834	4.813	0,72%	0,69%	0,44%
Depósitos compulsórios e outros	1.777	1.534	0,26%	0,22%	15,84%
Crédito com a Eletrobrás	19.985	41.767	2,96%	6,01%	52,15%
Ativos mantidos para venda	7.475	7.581	1,11%	1,09%	-1,40%
Adiantamento para futuro aumento de capital	18.000	18.000	2,67%	2,59%	0,00%
Outros Créditos	108.777	131.280	16,14%	18,89%	17,14%
Despesas antecipadas	2.715	4.131	0,40%	0,59%	34,28%
Investimentos em controladas	58.272	45.560	8,65%	6,56%	27,90%
Imobilizado	207.394	208.379	30,77%	29,98%	-0,47%
Intangível	1.947	1.870	0,29%	0,27%	4,12%
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	431.176	464.915	63,97%	66,90%	-7,26%
ATIVO TOTAL	674.032	694.986	100%	100%	-3,02%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical apontou que nos dois exercícios sociais em estudo, as contas de maior representatividade em termos percentuais em relação ao ativo total, são as contas a receber, outros créditos e o imobilizado. Por outro lado, a análise horizontal apontou evolução de 144,59% da conta caixa e involução da conta aplicações financeiras.

Quadro 18 – Análise vertical e horizontal do passivo da Eliane.

PASSIVO			A.V	A.V	A.H
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Fornecedores	49.848	52.479	7,40%	7,55%	-5,01%
Empréstimos e financiamentos	88.523	155.646	13,13%	22,40%	-43,13%
Impostos e contribuições parcelados	33.176	33.891	4,92%	4,88%	-2,11%
Obrigações tributárias	32.292	61.158	4,79%	8,80%	-47,20%
Salários e encargos sociais	15.475	15.103	2,30%	2,17%	2,46%
Adiantamentos de clientes	11.802	8.550	1,75%	1,23%	38,04%
Comissões a pagar	4.210	5.341	0,62%	0,77%	-21,18%
Dividendos a pagar	4.390	0	0,65%	0,00%	
Outras contas a pagar	21.775	24.672	3,23%	3,55%	-11,74%
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	261.491	356.840	38,80%	51,34%	-26,72%
PASSIVO NÃO CIRCULANTE					
	2013	2012	0,30%	0,29%	0,05%
Fornecedores	9.076	4.251	1,35%	0,61%	113,50%
Empréstimos e financiamentos	61.559	54.350	9,13%	7,82%	13,26%

Continua...

...Continuação.

Impostos e contribuições parcelados	179.200	142.986	26,59%	20,57%	25,33%
Imposto de renda e contribuição social diferidos	41.987	36.990	6,23%	5,32%	13,51%
Provisão perda em investimentos com passivo a descoberto	22.166	19.078	3,29%	2,75%	16,19%
Provisão para contingências	2.679	6.243	0,40%	0,90%	-57,09%
Receita diferida	575	1.268	0,09%	0,18%	-54,65%
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	317.242	265.166	47,07%	38,15%	19,64%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO					
	95.299	72.980	14,14%	10,50%	30,58%
Capital social	30.983	155.544	4,60%	22,38%	-80,08%
Reservas de reavaliação	11.921	18.786	1,77%	2,70%	-36,54%
Ajuste de avaliação patrimonial	23.016	23.059	3,41%	3,32%	-0,19%
Ajustes acumulados de conversão	607	151	0,09%	0,02%	301,99%
Reservas de Lucros	28.772	0	4,27%	0,00%	
Prejuízos acumulados	0	-124.560	0,00%	17,92%	100,00%
PASSIVO TOTAL	674.032	694.986	100%	100%	-3,02%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical do passivo da empresa identificou como contas representativas no total do passivo, as contas de empréstimos e financiamentos (no curto e no longo prazo), as obrigações elevadas no curto prazo com fornecedores e alta incidência de impostos e contribuições sobre o total a pagar.

Pela análise horizontal dos dois períodos, percebe-se a queda do percentual de obrigações tanto com fornecedores quanto com bancos (empréstimos e financiamentos) no curto prazo e a alta do percentual de ambas as contas no longo prazo e a involução de mais de 80% do capital social de 2012 para 2013.

Quadro 19 – Análise vertical e horizontal da DRE da Eliane.

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO			A.V	A.V	A.H
	2013	2012	2013	2012	
Receita operacional líquida	498.108	468.313			6,36%
Custo dos produtos vendidos	313.823	309.742	63,00%	66,14%	1,32%
Lucro bruto	184.285	158.571	37,00%	33,86%	16,22%
Receitas (despesas) operacionais	-97.686	104.952	19,61%	22,41%	-6,92%
Vendas	-77.756	-71.408	15,61%	15,25%	8,89%
Administrativas e gerais	-16.695	-19.992	3,35%	4,27%	-16,49%
Resultado da equivalência patrimonial	9.168	4.471	1,84%	0,95%	105,05%
Outras receitas (despesas) operacionais, líquidas	-12.403	-18.023	2,49%	3,85%	-31,18%

Continua...

...Continuação.

Lucro operacional antes do resultado financeiro	86.599	53.619	17,39%	11,45%	61,51%
Resultado financeiro	-45.076	-61.753	-9,05%	-13,19%	-27,01%
Receitas financeiras	7.699	8.311	1,55%	1,77%	-7,36%
Despesas financeiras	-51.935	-69.611	10,43%	14,86%	-25,39%
Variações cambiais, líquidas	-840	-453	0,17%	0,10%	85,43%
Resultado antes do imposto de renda e da contribuição social	41.523	-8.134	8,34%	-1,74%	-610,49%
Imposto de renda e contribuição social correntes	-7.853	0	-1,58%	0,00%	
Imposto de renda e contribuição social diferidos	-4.997	4.173	-1,00%	0,89%	-219,75%
RESULTADO DO EXERCÍCIO	28.673	-3.961	5,76%	-0,85%	-823,88%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical da DRE apontou que as contas que minimizam o resultado do exercício são o custo dos produtos vendidos e as despesas operacionais geradas. Por outro lado, a análise horizontal identificou que houve evolução do lucro bruto e involução das despesas operacionais de um ano para o outro. Outra evolução positiva foi o lucro operacional antes do resultado financeiro, que ultrapassou os 61%.

4.4.3 Delta

Quadro 20 – Análise vertical e horizontal do ativo da Delta.

ATIVO			A.V	A.V	A.H
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Caixa e Bancos	5.116	1.551	1,46%	0,66%	229,85%
Aplicações Financeiras	1.115	1.348	0,32%	0,57%	-17,28%
Clientes	75.093	84.251	21,45%	35,80%	-10,87%
Adiantamento Fornecedores	8.998	3.192	2,57%	1,36%	181,89%
Estoques	109.515	73.250	31,28%	31,12%	49,51%
Impostos a Recuperar	12.620	6.741	3,60%	2,86%	87,21%
Outros Créditos	9	23	0,00%	0,01%	-60,87%
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	212.466	170.356	60,68%	72,38%	24,72%
ATIVO NÃO CIRCULANTE			0,57%	0,85%	0,05%
Realizável a Longo Prazo	56.741	31.839	16,20%	13,53%	78,21%
Depósitos Judiciais	17	12	0,00%	0,01%	41,67%
Créditos com Pessoas Ligadas	56.719	31.822	16,20%	13,52%	78,24%
Outros Créditos	5	5	0,00%	0,00%	0,00%
Permanente	80.951	33.162	23,12%	14,09%	144,11%
Imobilizado - líquido	80.951	33.162	23,12%	14,09%	144,11%
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	137.692	65.001	39,32%	27,62%	111,83%
ATIVO TOTAL	350.158	235.357	100%	100%	48,78%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As contas estoque, clientes, créditos com pessoas ligadas e o imobilizado são as contas que possuem maior valor perante o total de todo o ativo. A análise horizontal destaca a importante evolução da conta caixa em 229,85%, o adiantamento de fornecedores que evoluiu 181,89% e a evolução do imobilizado em 144,11%.

Quadro 21 – Análise vertical e horizontal do passivo da Delta.

PASSIVO			A.V	A.V	A.H
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Fornecedores	55.969	67.248	15,98%	28,57%	-16,77%
Financiamentos Bancário	70.260	7.700	20,07%	3,27%	812,47%
Obrigações Sociais e Trabalhistas	2.162	2.301	0,62%	0,98%	-6,04%
Obrigações Tributárias	2.779	3.589	0,79%	1,52%	-22,57%
Provisão de Trabalhistas	4.119	3.897	1,18%	1,66%	5,70%
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	135.289	84.735	38,64%	36,00%	59,66%
PASSIVO NÃO CIRCULANTE					
	2013	2012	0,57%	0,85%	0,05%
Fornecedores	50.471	25.774	14,41%	10,95%	95,82%
Financiamentos Bancários	60.631	62.789	17,32%	26,68%	-3,44%
Débitos com Pessoas Ligadas	82.724	43.429	23,62%	18,45%	90,48%
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	193.826	131.992	55,35%	56,08%	46,85%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO					
	21.043	18.630	6,01%	7,92%	12,95%
Capital Social	11.822	11.822	3,38%	5,02%	0,00%
Lucros Acumulados	9.221	6.808	2,63%	2,89%	35,44%
PASSIVO TOTAL	350.158	235.357	100%	100%	48,78%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical demonstra a notabilidade da conta fornecedores, financiamentos bancários e débitos com pessoas ligadas diante do passivo total. A interpretação horizontal evidencia a queda das obrigações de curto prazo com fornecedores, porém destaca a alta de mais de 95% dos débitos com fornecedores no longo prazo. Mostra também, o extremo aumento e dependência de curto prazo que a empresa tem com financiamentos bancários de mais de 812%.

Quadro 22 – Análise vertical e horizontal da DRE da Delta.

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO			A.V 2013	A.V 2012	A.H
	2013	2012			
Receita Operacional Bruta	260.950	295.205			-11,60%
Receita de Vendas	260.950	295.205			-11,60%
Dedução de Vendas	-65.447	-72.811	25,08%	24,66%	-10,11%
Tributos sobre Vendas	-65.447	-72.811	25,08%	24,66%	-10,11%
Receita Líquida	195.503	222.394	74,92%	75,34%	-12,09%
Custos dos Produtos	-153.361	-177.771	58,77%	60,22%	-13,73%
Lucro Bruto	42.142	44.623	16,15%	15,12%	-5,56%
Despesas Operacionais	-39.751	-35.721	-15,23%	12,10%	11,28%
Pessoal	-5.421	-5.165	2,08%	1,75%	4,96%
Vendas	-10.103	-12.867	3,87%	4,36%	-21,48%
Administrativas	-9.407	-6.309	3,60%	2,14%	49,10%
Tributárias	-486	-264	0,19%	0,09%	84,09%
Financeiras	-14.334	-11.116	5,49%	3,77%	28,95%
Lucro Bruto	2.391	8.902	0,92%	3,02%	-73,14%
Resultados Não Operacionais	1.251	1.221	0,48%	0,41%	2,46%
Lucro Antes da Provisão do IRPJ e CSLL	3.642	10.123	1,40%	3,43%	-64,02%
Provisão do IRPJ e CSLL	-1.229	-3.433	-0,47%	-1,16%	-64,20%
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	2.413	6.690	0,92%	2,27%	-63,93%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na DRE acima, a análise vertical aponta a conta tributos sobre vendas, custo dos produtos e as despesas operacionais como determinantes para reduzir o faturamento bruto anual da empresa. Já a compreensão horizontal da DRE ilustra involução no faturamento bruto em 2013 de 11,60%. Em contrapartida, o lucro líquido do exercício também registrou queda de 63,93% em 2013.

4.4.4 Jatobá

Quadro 23 – Análise vertical e horizontal do ativo da Jatobá.

ATIVO			A.V 2013	A.V 2012	A.H
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012			
Caixa e equivalente de caixa	789.436	1.150.117	1,23%	1,81%	-31,36%
Créditos de clientes	8.002.310	7.950.593	12,44%	12,50%	0,65%
Adiantamento a fornecedores	161.850	192.903	0,25%	0,30%	-16,10%
Outros créditos	117.658	90.659	0,18%	0,14%	29,78%
Estoques	17.442.206	13.648.740	27,11%	21,46%	27,79%

Continua...

...Continuação.

Impostos e Contribuições recuperáveis	1.036.119	1.062.047	1,61%	1,67%	-2,44%
Despesas antecipadas	114.353	42.890	0,18%	0,07%	166,62%
(-) Duplicatas Descontadas	-1.624.192	0	-2,52%	0,00%	
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	26.039.740	24.137.949	40,48%	37,95%	7,88%
ATIVO NÃO CIRCULANTE					
	2013	2012	0,00%	0,00%	0,05%
Impostos a Recuperar	118.490	361.020	0,18%	0,57%	-67,18%
Depósitos judiciais	225.933	103.853	0,35%	0,16%	117,55%
Impostos diferidos	331.514	219.008	0,52%	0,34%	51,37%
Investimentos	8.964	35.088	0,01%	0,06%	-74,45%
Imobilizado líquido	37.574.391	38.688.160	58,41%	60,83%	-2,88%
Intangível líquido	30.927	52.772	0,05%	0,08%	-41,40%
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	38.290.219	39.459.901	59,52%	62,05%	-2,96%
ATIVO TOTAL	64.329.959	63.597.850	100%	100%	1,15%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical do ativo da empresa exibe a participação que a conta cliente, estoque e imobilizado representa para o ativo da empresa. A análise horizontal indica a involução de 31,36% da conta caixa e equivalentes de caixa, a evolução da conta estoques e as involuções de investimentos, imobilizado e intangível.

Quadro 24 – Análise vertical e horizontal do passivo da Jatobá.

PASSIVO			A.V	A.V	A.H
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012	2013	2012	
Fornecedores	2.820.335	4.881.743	4,38%	7,68%	-42,23%
Empréstimos/financiamentos	8.705.784	9.083.117	13,53%	14,28%	-4,15%
Adiantamento de clientes	460.733	416.524	0,72%	0,65%	10,61%
Salários/participações a pagar	444.482	523.163	0,69%	0,82%	-15,04%
Comissões a pagar	152.605	196.054	0,24%	0,31%	-22,16%
Impostos e contribuições	4.549.513	1.484.771	7,07%	2,33%	206,41%
Outras Contas a pagar	66.916	110.955	0,10%	0,17%	-39,69%
Provisões	1.407.792	1.869.377	2,19%	2,94%	-24,69%
Receitas a realizar	649.822	386.730	1,01%	0,61%	68,03%
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	19.257.982	18.952.434	29,94%	29,80%	1,61%
PASSIVO NÃO CIRCULANTE					
	2013	2012	0,00%	0,00%	0,05%
Empréstimos/Financiamentos	20.883.293	12.407.790	32,46%	19,51%	68,31%
Provisão para Contingências	802.361	215.342	1,25%	0,34%	272,60%
Impostos Diferidos	7.614.085	7.635.371	11,84%	12,01%	-0,28%

Continua...

...Continuação.

TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	29.299.739	20.258.503	45,55%	31,85%	44,63%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO					
	15.772.238	24.386.917	24,52%	38,35%	-35,33%
Capital	13.006.649	13.006.649	20,22%	20,45%	0,00%
Reserva de Lucros	5.731.594	5.228.089	8,91%	8,22%	9,63%
Prejuízo Acumulado	-17.456.071	-8.841.392	27,14%	13,90%	97,44%
Ajuste Avaliação Patrimonial	13.280.449	13.783.954	20,64%	21,67%	-3,65%
Reserva Legal	1.209.617	1.209.617	1,88%	1,90%	0,00%
PASSIVO TOTAL	64.329.959	63.597.854	100%	100%	1,15%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise vertical do passivo enfatiza o alto percentual da conta empréstimos/financiamentos, da conta capital e da conta prejuízo acumulado. Porém, a análise horizontal aponta alguns aspectos como a involução de 42,23% da conta fornecedores; aumento de 206,41% dos impostos e contribuições a pagar; evolução de mais de 68% dos empréstimos e financiamentos e aumento dos prejuízos acumulados em 97,44%.

Quadro 25 – Análise vertical e horizontal da DRE da Jatobá.

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO			A.V	A.V	A.H
	2013	2012	2013	2012	
Receita Operacional Líquida	41.010.992	43.032.629			-4,70%
Custo de Vendas	-29.017.695	-31.414.329	70,76%	73,00%	-7,63%
Lucro Bruto	11.993.297	11.618.300	29,24%	27,00%	3,23%
Outras receitas (despesas)	199.801	-24.672	0,49%	0,06%	-909,83%
Despesas Operacionais	-16.546.467	-17.151.646	40,35%	39,86%	-3,53%
Receitas (Disp.) Financeiras Líquidas	-4.395.102	-3.275.356	10,72%	7,61%	34,19%
Lucro antes do IR/CS	-8.748.471	-8.833.374	-21,33%	-20,53%	-0,96%
Imposto de Renda e Contrib. Social Correntes	35.416	-4.035	0,09%	0,01%	-977,72%
Imposto de Renda e Contrib. Social Diferidos	98.376	7.933	0,24%	0,02%	1140,09%
LUCRO (PREJUÍZO) LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	-8.614.679	-8.829.476	-21,01%	-20,52%	-2,43%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A compreensão vertical da DRE acima, indica que mais de 39% da receita em ambos os anos, representavam as despesas operacionais da empresa, além de mais de 70%, também em ambos os anos, para custear o custo das vendas. O prejuízo acumulado em 2013 chegou a 21,01%, 2,43% a mais do que no ano de

2012, de acordo com a análise horizontal. Outro aspecto identificado com a análise horizontal, foi a involução de 4,70% na receita operacional líquida de 2012 para 2013.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise das demonstrações financeiras realizada na seção anterior foi elaborada em concordância com as considerações de Padoveze e Benedicto (2011), acerca da importância de se realizar este tipo de análise. Para realizar esta análise foram utilizados os indicadores de liquidez, endividamento e de resultado que de acordo com Helfert (2000), são as ferramentas utilizadas pelos gestores financeiros como instrumento de avaliação e interpretação daquilo que encontra-se nos demonstrativos financeiros das empresas.

O primeiro indicador calculado foram os indicadores de liquidez. A liquidez corrente demonstrou indicadores acima de um (1,0) nos dois exercícios sociais de três das quatro empresas citadas, tendo então maiores valores a receber e suficientes para liquidar as dívidas de curto prazo das empresas. A empresa Eliane foi a única que apresentou valores abaixo de um (1,0). Desta forma, a empresa obteve nos dois períodos valores totais de passivo circulante maiores que os valores totais de ativo circulante, influenciando negativamente nos resultados de acordo com a definição de Assaf Neto (2005).

A liquidez seca apresenta-se sempre inferior à liquidez corrente, em função da exclusão da conta estoques do cálculo do índice. Segundo Souza (2014), é um importante indicador que mede o grau de dependência que a empresa terá para saldar suas obrigações com a venda de seus estoques. Por isso, as empresas apresentaram indicadores abaixo de um (1,0), o que reforça a definição dada por Souza (2014), com exceção da empresa Delta, que no ano de 2012 não apresentou dependência perante os estoques conseguindo liquidar suas dívidas de curto prazo.

Percebeu-se que todas as empresas apresentaram valores abaixo de um (1,0) em seu indicador de liquidez geral. Isto significa que as empresas não possuem ativos suficientes para saldar suas obrigações, ou ainda, os vencimentos de seus direitos estão com prazos maiores e os vencimentos das obrigações estão com prazos inferiores, de acordo com as definições de Souza (2014).

A liquidez imediata é pouco utilizada, dada sua extrema necessidade de identificar a capacidade de pagamento da empresa em honrar suas obrigações de curto prazo com a conta mais líquida do balanço patrimonial, a conta caixa e equivalentes de caixa. Para Souza (2014), este indicador desconsidera as constantes mudanças que esta conta apresenta, e por isso, não considera este índice determinante para gerenciar as decisões financeiras da empresa.

O segundo indicador calculado foram os indicadores de endividamento. O índice de participação do capital de terceiros indicou que as empresas possuem alta dependência perante recursos provenientes de terceiros o que aumenta o risco de endividamento, indo ao encontro com as ponderações de Hoji (2010).

O índice de garantia do capital próprio ao capital de terceiros evidenciou novamente a dependência apresentada pelas quatro empresas em obter recursos junto a terceiros, conforme o indicador anterior comentado. De acordo com Sá (2005), as empresas estão operando com baixos investimentos próprios e possibilitando o aumento do endividamento.

O índice de grau de endividamento apresentado pelas empresas está muito alto. Padoveze e Benedicto (2011) salientam que neste caso há a possibilidade das empresas enfrentarem problemas financeiros por não realizarem investimentos em seu ativo ou até mesmo no próprio patrimônio.

O índice de qualidade da dívida demonstrou melhora no ano de 2013 para as empresas, que estão operando com dívidas de curto prazo inferiores a 50% de acordo com as considerações de Hoji (2010). Quanto mais baixos forem os percentuais deste indicador, melhor, pois, o custo de empréstimos e financiamentos de curto prazo são mais caros melhorando, conseqüentemente, os indicadores de liquidez da empresa.

O índice de endividamento financeiro foi calculado para evidenciar a proporção de recursos que foram tomados juntamente com as instituições financeiras de crédito, em conformidade com as explicações dadas por Matarazzo (2010).

O terceiro indicador calculado foi os de resultado. A taxa de retorno sobre o investimento apontou que há dificuldade entre as empresas para a geração de lucros sobre o ativo. Isso porque este indicador está relacionado com o lucro líquido operacional, na qual, se houver prejuízos haverá queda neste índice. E foi o que ocorreu com as empresas Delta e Jatobá. A situação mais grave é da empresa

Jatobá que operou nos dois períodos com déficits e baixo número de investimentos. A Portobello operou com investimentos pouco expressivos, mas que apresentaram resultado para a empresa. E a empresa Eliane saiu do prejuízo em 2012 e gerou bons investimentos para alavancar seu indicador no ano seguinte. Portanto, quanto maior for a taxa de retorno maior serão os lucros ganhos (MARION, 2012).

O índice de rentabilidade das empresas Portobello, Eliane e Delta foram rentáveis para os proprietários no exercício social de 2013, segundo as considerações de Franco (1989). A empresa Jatobá mais uma vez demonstrou problemas, já que, deixou de ser rentável desde 2012 como também vem acumulando prejuízos para os proprietários.

O índice de lucratividade apontou que as empresas Portobello, Eliane e Delta foram lucrativas no exercício social de 2013. A empresa Jatobá deixou de ser lucrativa desde 2012, originando mais prejuízos. O índice de lucratividade mede a eficiência da empresa em aumentar o lucro obtido para cada unidade monetária vendida (GITMAN, 2010). O que significa dizer que, quanto maior for o índice, melhor a empresa operou no período, diminuindo custos e despesas fixas, por exemplo.

As outras duas análises realizadas na experiência de pesquisa foram as análises verticais e horizontais dos demonstrativos financeiros de cada uma das quatro empresas em estudo.

De acordo com os conceitos de Matarazzo (2003), acerca da análise vertical, pode-se perceber com a realização da experiência de pesquisa que, as contas que mais exercem influência no balanço patrimonial das empresas analisadas são: i) caixa e equivalentes de caixa, ii) contas a receber ou clientes, iii) estoques, iv) imobilizado, v) fornecedores, vi) empréstimos/financiamentos de curto e de longo prazo, vii) capital social, viii) reserva de lucros e ix) prejuízo acumulado. Já as contas que possuem maior influência sobre a demonstração do resultado do exercício são: i) faturamento bruto, ii) custo dos produtos e iii) despesas operacionais.

Estas contas segundo Reis (2006), são as contas que se encontram dispostas nos balanços patrimoniais no lado do passivo e no lado do ativo, e que se referem aquelas que representam os recursos próprios e de terceiros e o destino dado para estes recursos. Por isso, são consideradas as principais contas e que possuem maior participação em relação aos totais de ativo e de passivo. Com

relação à DRE, as contas citadas anteriormente (custos dos produtos e despesas operacionais), representam as contas com maior influência dedutiva sobre o resultado líquido do exercício, e o faturamento bruto representa a maior receita gerada pela empresa durante todo o exercício social.

Segundo as definições de Matarazzo (2003) sobre a análise horizontal, o índice encontrado pode apresentar-se de duas formas, i) evolução (positivo) e ii) involução (negativo). Para Reis (2006), este tipo de análise é realizada com o propósito de avaliar a progressão seja ela positiva ou negativa das contas dos demonstrativos financeiros. Desta forma, é possível avaliar o desempenho que a conta apresentou ao final do exercício social.

Fazendo uma análise geral, as contas que mais se destacaram diante das outras de maneira evolutiva ou regressiva, foram i) caixa, ii) estoques, iii) contas a receber, iv) impostos, tributos ou contribuições à recuperar, v) investimentos, vi) imobilizado, vii) empréstimos/financiamentos de curto ou de longo prazo, viii) impostos, tributos ou contribuições a pagar, ix) lucro/prejuízo acumulado, x) despesas financeiras, xi) custo dos produtos e xii) lucro líquido do exercício.

4.6 PARECER FINAL

Com relação aos indicadores de liquidez, a liquidez geral apontou que, enquanto as empresas Portobello e Eliane aumentaram este índice de 2012 para 2013, nas empresas Delta e Jatobá este indicador recuou no exercício social de 2013. Sobre o indicador de liquidez seca, destaca-se que a Eliane foi a única empresa que conseguiu elevar este índice de 2012 para 2013.

Sobre os indicadores de endividamento, o índice de participação de capital de terceiros apontou que em 2013 a Portobello e a Eliane diminuíram este índice e a Delta e a Jatobá elevaram, principalmente, a Jatobá que aumentou em 22,37% este indicador em 2013 em comparação com o ano anterior. Já o índice de endividamento financeiro indicou que a Eliane diminuiu este indicador de 2012 para 2013, enquanto que as demais empresas elevaram seu endividamento financeiro de um exercício social para o outro.

No que se refere aos indicadores de resultado, a taxa de retorno sobre o investimento aponta a eficiência da empresa Eliane em alavancar este indicador que estava em -0,6% em 2012 para 4,3% em 2013, isso significa que, deixou de gerar

prejuízos e passou a transformar investimento em lucro. A Portobello melhorou ainda mais sua taxa de retorno sobre o investimento, a Delta diminuiu este indicador e a Jatobá, ainda que apresentando valores negativos nos dois exercícios sociais, obteve pouca mudança de 2012 para 2013.

Com relação ao *Pay-Back*, a Eliane merece destaque, pois, deixou de acarretar mais de 18 anos de prejuízos aos proprietários, e passou para três anos o tempo necessário para recuperar todo o investimento realizado pelos proprietários da empresa para a partir daí, começar a gerar lucros, ao passo que as outras empresas elevaram o seu *Pay-Back*. O índice de lucratividade apresentado pela Portobello e pela Eliane apontou melhora, enquanto que este mesmo indicador para as outras duas empresas piorou de 2012 para 2013.

O Quadro 26 apresenta um resumo da situação econômica e financeira das quatro empresas pesquisadas, fazendo uma abordagem clara e objetiva de alguns conceitos trabalhados neste estudo.

Quadro 26 – Quadro resumo do parecer final da situação econômica e financeira das empresas

Parâmetro	Empresa	Descrição
Empresa com melhor nível de caixa e disponibilidades (quando comparado 2012 e 2013).	Delta	Apresentou os maiores indicadores de liquidez corrente, seca e geral. Mesmo apresentando queda nos indicadores em 2013.
Empresa com maior endividamento geral.	Delta	Empresa dependente dos recursos de terceiros, de acordo com os indicadores de participação do capital de terceiros e endividamento geral. E os recursos próprios são pouco expressivos.
Empresa mais rentável.	Portobello	Índice de rentabilidade mais alto.
Empresa mais lucrativa.	Portobello	Índice de lucratividade mais alto.
Empresa que melhor conseguiu alavancar seus indicadores de 2012 para 2013.	Eliane	Melhora em seus indicadores de um ano para o outro, principalmente os indicadores de endividamento e de resultado. Empresa com capacidade de recuperação e em pouco tempo.
Empresa com a pior situação econômica e financeira	Jatobá	Possui os menores indicadores de resultado, apresentando rentabilidade e lucratividade negativas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

5 CONCLUSÃO

Com a realização do presente estudo, a pesquisadora pôde aprofundar seu conhecimento sobre as demonstrações financeiras, para entender como funciona o processo decisório baseado em indicadores financeiros e para buscar repassar aos demais administradores de empresas, a importância da análise deste tipo de instrumento financeiro de gestão.

Pode-se perceber que o estudo foi realizado com êxito, pois, cumpriu algumas etapas necessárias para realizar a análise das demonstrações financeiras. O primeiro ponto foi a seleção dos demonstrativos financeiros das quatro empresas que formaram o objeto de análise da pesquisa.

O segundo ponto foi a experiência matemática de realizar os cálculos dos três tipos de indicadores financeiros em estudo que são os indicadores de liquidez, de endividamento e de resultado, dados estes fundamentais para a construção e interpretação das respectivas análises. Não se pode deixar de lado a questão matemática, pois, se houver erros na construção ou execução das fórmulas de cada indicador, poderá haver distorções ou compreensões errôneas acerca de um índice. Comprometendo assim, toda a análise.

O terceiro aspecto foi a realização de mais dois tipos de análises, a vertical e a horizontal, consideradas instrumentos complementares para a análise geral do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício das empresas em estudo. Já que podem explicar, justificar ou ajudar os administradores a compreender sobre o aparecimento de anormalidades em determinadas contas ou grupo de contas do balanço patrimonial e da demonstração do resultado do exercício.

O quarto aspecto deste estudo foi a construção de uma análise comparativa das quatro empresas como forma de retratar sua situação financeira e econômica, uma vez que, esta ação seria importante para que a pesquisadora possa demonstrar a relevância que os administradores de empresas podem atribuir ao uso dos demonstrativos financeiros como uma aliada na gestão financeira, não apenas como um instrumento contábil de exigência legal para as empresas de capital aberto.

Por fim, a sugestão deixada pela pesquisadora é o de transformar os números descritos nos demonstrativos financeiros elaborados e organizados pelos

contadores, em análises coerentes por parte dos administradores de empresas, diretores e gerentes financeiros, para usar como ferramenta para o processo de tomada de decisão, quer seja para a realização de investimentos, quer seja para a melhoria no padrão de gestão financeira.

O presente estudo também poderá servir como uma fonte de dados e informações para toda a comunidade acadêmica que almejar construir ou ampliar estudos no âmbito da análise das demonstrações financeiras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 158p.

ANFACER. Associação Nacional Dos Fabricantes De Cerâmica Para Revestimentos, Louças Sanitárias e congêneres. **A indústria brasileira de cerâmica para revestimento**. Disponível em: <<http://www.anfacer.org.br/site/default.aspx?idConteudo=159&n=Brasil>> Acesso em: 09 nov. 2014

ANFACER. Associação Nacional Dos Fabricantes De Cerâmica Para Revestimentos, Louças Sanitárias e congêneres. **História da cerâmica**. Disponível em: <<http://www.anfacer.org.br/site/default.aspx?idConteudo=157&n=Hist%C3%B3ria-da-Cer%C3%A2mica>> Acesso em: 09 nov. 2014

ANFACER. Associação Nacional Dos Fabricantes De Cerâmica Para Revestimentos, Louças Sanitárias e congêneres. **Sobre a Anfacer**. Disponível em: <<http://www.anfacer.org.br/site/default.aspx?idConteudo=12&n=Sobre-a-Anfacer>> Acesso em: 21 ago. 2014

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. 2. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 225p.

ASPACER. Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento. **Presidente da Aspacer e do Sincer participa de matéria da EPTV: Setor de Cerâmica da região cresce e impulsiona novos investimentos**. Disponível em: <<http://www.aspacer.com.br/2013/04/17/presidente-da-aspacer-e-do-sincer-participa-de-materia-da-eptv/>> Acesso em: 16 de set. de 2014

ASPACER. Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.aspacer.com.br/conheca/quem-somos/>> Acesso em: 16 de set. de 2014

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.371p.

_____. **Finanças corporativas e valor**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2005. 656p.

_____. LIMA, Fabiano Guasti. **Fundamentos de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 2010. 359p.

BANCO DO NORDESTE. Escritório técnico de estudos econômicos do Nordeste ETENE. **Informe setorial cerâmica vermelha**. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/ano4_n21_informe_setorial_ceramica_vermelha.pdf> Acesso em: 09 nov. 2014

BEUREN, Ilse Maria. BRANDÃO, Juliana Favero. **Demonstrações contábeis no Mercosul: estrutura, análise e harmonização**. São Paulo: Atlas, 2001. 142p.

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Informe Setorial: Panorama do Setor de Revestimentos Cerâmicos no Brasil**. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/setorial/Informe_26.pdf> Acesso em: 29 ago. 2014

BNDES. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. **Panorama do Setor de Revestimentos Cerâmicos: Área industrial**. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/rs_rev_ceramicos.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014

BODIE, Zvi. MERTON, Robert C. **Finanças**. Porto Alegre: Bookman, 1999. 436p.

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis: estrutura, análise e interpretação**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. 221p.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1989. 408p.

BRIGHAM, Eugene F. EHRHARDT, Michael C. **Administração financeira: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 1044p.

BRIGHAM, Eugene F. HOUSTON, Joel F. **Fundamentos da moderna administração financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999. 713p.

BRITO, Osias Santana de. **Controladoria de risco: retorno em instituições financeiras**. São Paulo: Saraiva, 2003. 225p.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162p.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. 164p.

FIGUEIREDO, Sandra. CAGGIANO, Paulo Cesar. **Controladoria: teoria e prática**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. 299p.

FRANCO, Hilário. **Estrutura, análise e interpretação de balanços**. 15. Ed. São Paulo: Atlas, 1989. 342p.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Editora Harbra, 1979. 200p.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 12. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. 775p.

_____. **Princípios de administração financeira: essencial**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 610p.

GONÇALVES, Carlos Alberto. MEIRELLES, Anthero de Moraes. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004. 199p.

GROPPELLI, A.A. NIKBAKHT, Ehsan. **Administração financeira**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010. 496p.

HELFERT, Erich A. **Técnicas de análise financeira: um guia prático para medir o desempenho dos negócios**. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000. 411p.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada, estratégias financeiras, orçamento empresarial**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 587p.

_____. **Práticas de tesouraria**. São Paulo: Atlas, 2001. 188p.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa.; RIGO, Cláudio Miessa.; CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 603p.

MACHADO, Márcio André Veras. MACHADO, Márcia Reis. CALLADO, Aldo Leonardo Cunha. Análise dinâmica e o financiamento das necessidades de capital de giro das pequenas e médias empresas localizadas na cidade de João Pessoa, PB: um estudo exploratório. BASE – **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, Rio Grande do Sul, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/20445/analise-dinamica-e-o-financiamento-das-necessidades-de-capital-de-giro-das-pequenas-e-medias-empresas-localizadas-na-cidade-de-joao-pessoa--pb--um-estudo-exploratorio/i/pt-br>>. Acesso em 25 out. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297p.

_____. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1996. 231p.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2012. 291p.

MARTINS, Gilberto de Andrade. THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. 247p.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998. 471p.

_____. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 459p.

_____. **Análise financeira de balanços:** abordagem gerencial. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010. 372p.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2012. 196p.

MORANTE, Antonio Salvador. **Análise das demonstrações financeiras:** aspectos contábeis da demonstração de resultado e do balanço patrimonial. São Paulo: Atlas, 2007. 109p.

_____. JORGE, Fauzi Timaco. **Controladoria:** análise financeira, planejamento e controle orçamentário. São Paulo: Atlas, 2008. 164 p.

OLIVEIRA, Alessandro Aristides de. SILVA, Andréia Regina da. ZUCCARI, Solange Maria de Paula. A análise das demonstrações contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**, São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/ricardo_alessandro.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

OLIVEIRA, Luís Martins de. PEREZ JUNIOR, José Hernandez. SILVA, Carlos Alberto dos Santos. **Controladoria estratégica.** 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2014. 354p.

PADOVEZE, Clóvis Luís. BENEDICTO, Gideon Carvalho de. **Análise das demonstrações financeiras.** 3. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 298p.

_____. **Introdução à administração financeira.** 2. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 303p.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao TCC:** uma abordagem para os cursos de tecnologia. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2010. 161p.

REIS, Arnaldo Carlos de Rezende. **Demonstrações contábeis:** estrutura e análise. São Paulo: Saraiva, 2003. 272p.

_____. **Demonstrações contábeis:** estrutura e análise. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. 305 p.

ROSA, Cláudio Afrânio. **Como elaborar um plano de negócio.** Brasília: SEBRAE, 2007. 121p.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios de Administração Financeira.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000. 525p.

SÁ, Antônio Lopes de. **Moderna análise de balanços ao alcance de todos.** Curitiba: Juruá, 2005. 284p.

SAMPIERI, Roberto Hernández. COLLADO, Carlos Fernández. LUCIO, María Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 624p.

SANTOS, Cleônimo dos. BARROS, Sidney Ferro. **Curso estrutura e análise de balanço**. São Paulo: IOB-THOMSON, 2005. 199p.

SANTOS, José Luiz dos. SCHMIDT, Paulo. MARTINS, Marco Antonio. **Fundamentos de análise das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 2006. 195p.

SCHRICKEL, Wolfgang Kurt. **Demonstrações financeiras: Abrindo a caixa-preta: como interpretar balanços para a concessão de empréstimos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 370p.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Ideias de negócios sustentáveis: Indústria de Cerâmica**. Disponível em: <http://sustentabilidade.sebrae.com.br/sustentabilidade/baixarArquivo?arquivo=7840308dee328310VgnVCM1000002af71eacRCRD>> Acesso em: 09 nov. 2014

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Santa Catarina em Números: Macrorregião Sul**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Macrorregiao%20-%20Sul.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2014

SILVA, José Pereira da. **Análise financeiras das empresas**. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2012. 585p.

SINDICERAM. Sindicato das Indústrias de Cerâmica de Criciúma. **Dados da Produção: 2014**. Disponível em: http://www.sindiceram.com.br/conteudo.php?int=canal&codigo_can=4> Acesso em: 29 ago. 2014

SOUZA, Acilon Batista de. **Curso de administração financeira e orçamento: princípios e aplicações**. São Paulo: Atlas, 2014. 363p.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. 94p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248p.

YOSHITAKE, Mariano. HOJI, Masakazu. **Gestão de tesouraria: controle e análise de transações financeiras em moeda forte**. São Paulo: Atlas, 1997. 254p.

ZANCHIN, Ricardo. A gestão da tesouraria e sua interface com as estratégias financeiras das empresas de pequeno porte do setor metal-mecânico de Caxias do Sul. 2002. 112p. Dissertação (Mestre em Administração). Área de Concentração: Gestão da Tesouraria - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul.

ANEXO(S)

ANEXO A – Balanço Patrimonial da Portobello

ATIVO		
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012
Caixa e Equivalentes de Caixa	55.389	56.576
Contas a Receber	158.522	137.626
Estoques	177.666	119.932
Tributos a Recuperar	17.281	1.450
Despesas Antecipadas	0	354
Outros Ativos Circulantes	19.096	47.828
TOTAL ATIVO CIRCULANTE	427.954	363.766
ATIVO NÃO CIRCULANTE		
ATIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012
Ativo Realizável a Longo Prazo	241.993	169.757
Investimentos	678	678
Imobilizado	264.424	185.841
Intangível	18.058	15.120
TOTAL ATIVO NÃO CIRCULANTE	525.153	371.396
ATIVO TOTAL	953.107	735.162

PASSIVO		
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012
Obrigações Sociais e Trabalhistas	19.398	17.581
Fornecedores	152.441	120.122
Obrigações Fiscais	24.415	32.062
Empréstimos e Financiamentos	91.068	75.584
Outras Obrigações	39.458	38.292
Provisões	20.571	48.004
TOTAL PASSIVO CIRCULANTE	347.351	331.645
PASSIVO NÃO CIRCULANTE		
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012
Empréstimos e Financiamentos	201.100	90.016
Outras Obrigações	116.667	112.479
Tributos Diferidos	29.154	16.309
Provisões	66.986	57.594
TOTAL PASSIVO NÃO CIRCULANTE	413.907	276.398
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	191.849	127.119
Capital Social Realizado	46.065	40.798
Reservas de Capital	-2.545	267
Reservas de Lucros	115.651	50.069
Lucros/Prejuízos Acumulados	0	0
Outros Resultados Abrangentes	32.678	35.985
PASSIVO TOTAL	953.107	735.162

Fonte: <<http://portobello.firbweb.com.br/wp-content/uploads/2014/03/DFP-2013.pdf>>

ANEXO B – DRE da Portobello

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO		
	2013	2012
Receita de Venda de Bens e/ou Serviços	781.638	659.489
Custo dos Bens e/ou Serviços Vendidos	-531.382	-456.861
Resultado Bruto	250.256	202.628
Despesas/Receitas Operacionais	-119.083	-91.826
Resultado Antes do Resultado Financeiro e dos Tributos	131.173	110.802
Despesas Financeiras	-38.555	-37.355
Receitas Financeiras	18.680	15.924
Resultado Financeiro	-19.875	-21.431
Resultado Antes dos Tributos sobre o Lucro	111.298	89.371
Imposto de Renda e Contribuição Social sobre o Lucro	-20.802	-23.707
LUCRO/PREJUÍZO DO PERÍODO	90.496	65.664

Fonte: <<http://portobello.firbweb.com.br/wp-content/uploads/2014/03/DFP-2013.pdf>>

ANEXO C – Balanço Patrimonial da Eliane

ATIVO		
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012
Caixa e equivalentes de caixa	10.564	4.319
Aplicações financeiras e contas corrente vinculadas	12.869	23.208
Contas a receber de clientes	122.278	126.927
Estoques	46.531	47.760
Impostos a recuperar	6.691	7.520
Crédito com a Eletrobrás	26.781	2.441
Ativos mantidos para venda	6.448	6.448
Outros créditos	7.479	7.102
Despesas antecipadas	3.215	4.346
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	242.856	230.071
ATIVO NÃO CIRCULANTE		
ATIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012
Impostos a recuperar	4.834	4.813
Depósitos compulsórios e outros	1.777	1.534
Crédito com a Eletrobrás	19.985	41.767
Ativos mantidos para venda	7.475	7.581
Adiantamento para futuro aumento de capital	18.000	18.000
Outros Créditos	108.777	131.280
Despesas antecipadas	2.715	4.131
Investimentos em controladas	58.272	45.560
Imobilizado	207.394	208.379
Intangível	1.947	1.870
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	431.176	464.915
ATIVO TOTAL	674.032	694.986

Fonte: <<http://www.eliane.com/institucional/financeiro>>

PASSIVO		
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012
Fornecedores	49.848	52.479
Empréstimos e financiamentos	88.523	155.646
Impostos e contribuições parcelados	33.176	33.891
Obrigações tributárias	32.292	61.158
Salários e encargos sociais	15.475	15.103
Adiantamentos de clientes	11.802	8.550
Comissões a pagar	4.210	5.341
Dividendos a pagar	4.390	0
Outras contas a pagar	21.775	24.672
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	261.491	356.840
PASSIVO NÃO CIRCULANTE		
	2013	2012
Fornecedores	9.076	4.251
Empréstimos e financiamentos	61.559	54.350
Impostos e contribuições parcelados	179.200	142.986
Imposto de renda e contribuição social diferidos	41.987	36.990
Provisão perda em investimentos com passivo a descoberto	22.166	19.078
Provisão para contingências	2.679	6.243
Receita diferida	575	1.268
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	317.242	265.166
PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
	95.299	72.980
Capital social	30.983	155.544
Reservas de reavaliação	11.921	18.786
Ajuste de avaliação patrimonial	23.016	23.059
Ajustes acumulados de conversão	607	151
Reservas de Lucros	28.772	0
Prejuízos acumulados	0	-124.560
PASSIVO TOTAL	674.032	694.986

Fonte: <<http://www.eliane.com/institucional/financeiro>>

ANEXO D – DRE da Eliane

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO	2013	2012
Receita operacional líquida	498.108	468.313
Custo dos produtos vendidos	-313.823	-309.742
Lucro bruto	184.285	158.571
Receitas (despesas) operacionais	-97.686	-104.952
Vendas	-77.756	-71.408
Administrativas e gerais	-16.695	-19.992
Resultado da equivalência patrimonial	9.168	4.471
Outras receitas (despesas) operacionais, líquidas	-12.403	-18.023
Lucro operacional antes do resultado financeiro	86.599	53.619
Resultado financeiro	-45.076	-61.753
Receitas financeiras	7.699	8.311
Despesas financeiras	-51.935	-69.611
Variações cambiais, líquidas	-840	-453
Resultado antes do imposto de renda e da contribuição social	41.523	-8.134
Imposto de renda e contribuição social correntes	-7.853	0
Imposto de renda e contribuição social diferidos	-4.997	4.173
RESULTADO DO EXERCÍCIO	28.673	-3.961

Fonte: <<http://www.eliane.com/institucional/financeiro>>

ANEXO E – Balanço Patrimonial da Delta

ATIVO		
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012
Caixa e Bancos	5.116	1.551
Aplicações Financeiras	1.115	1.348
Clientes	75.093	84.251
Adiantamento Fornecedores	8.998	3.192
Estoques	109.515	73.250
Impostos a Recuperar	12.620	6.741
Outros Créditos	9	23
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	212.466	170.356
ATIVO NÃO CIRCULANTE		
Realizável a Longo Prazo	56.741	31.839
Depósitos Judiciais	17	12
Créditos com Pessoas Ligadas	56.719	31.822
Outros Créditos	5	5
Permanente	80.951	33.162
Imobilizado - líquido	80.951	33.162
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	137.692	65.001
ATIVO TOTAL	350.158	235.357

PASSIVO		
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012
Fornecedores	55.969	67.248
Financiamentos Bancário	70.260	7.700
Obrigações Sociais e Trabalhistas	2.162	2.301
Obrigações Tributárias	2.779	3.589
Provisão de Trabalhistas	4.119	3.897
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	135.289	84.735
PASSIVO NÃO CIRCULANTE		
Fornecedores	50.471	25.774
Financiamentos Bancários	60.631	62.789
Débitos com Pessoas Ligadas	82.724	43.429
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	193.826	131.992
PATRIMÔNIO LÍQUIDO		
Capital Social	11.822	11.822
Lucros Acumulados	9.221	6.808
PASSIVO TOTAL	350.158	235.357

Fonte: <http://www.balancopatrimoniais.com.br/pdfs/2013/deltaindustriaceramicasa_2013.pdf>

ANEXO F – DRE da Delta

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO	2013	2012
Receita Operacional Bruta	260.950	295.205
Receita de Vendas	260.950	295.205
Dedução de Vendas	-65.447	-72.811
Tributos sobre Vendas	-65.447	-72.811
Receita Líquida	195.503	222.394
Custos dos Produtos	-153.361	-177.771
Lucro Bruto	42.142	44.623
Despesas Operacionais	-39.751	-35.721
Pessoal	-5.421	-5.165
Vendas	-10.103	-12.867
Administrativas	-9.407	-6.309
Tributárias	-486	-264
Financeiras	-14.334	-11.116
Lucro Bruto	2.391	8.902
Resultados Não Operacionais	1.251	1.221
Lucro Antes da Provisão do IRPJ e CSLL	3.642	10.123
Provisão do IRPJ e CSLL	-1.229	-3.433
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	2.413	6.690

Fonte: <http://www.balancopatrimoniais.com.br/pdfs/2013/deltaindustriaceramicasa_2013.pdf>

ANEXO G – Balanço Patrimonial da Jatobá

ATIVO		
ATIVO CIRCULANTE	2013	2012
Caixa e equivalente de caixa	789.436	1.150.117
Créditos de clientes	8.002.310	7.950.593
Adiantamento a fornecedores	161.850	192.903
Outros créditos	117.658	90.659
Estoques	17.442.206	13.648.740
Impostos e Contribuições recuperáveis	1.036.119	1.062.047
Despesas antecipadas	114.353	42.890
(-) Duplicatas Descontadas	-1.624.192	0
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	26.039.740	24.137.949
ATIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012
Impostos a Recuperar	118.490	361.020
Depósitos judiciais	225.933	103.853
Impostos diferidos	331.514	219.008
Investimentos	8.964	35.088
Imobilizado líquido	37.574.391	38.688.160
Intangível líquido	30.927	52.772
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	38.290.219	39.459.901
ATIVO TOTAL	64.329.959	63.597.850

Fonte:

https://radaroficial_downloads.s3.amazonaws.com/661b21dae9430b06f2371530a00f296e.pdf

PASSIVO		
PASSIVO CIRCULANTE	2013	2012
Fornecedores	2.820.335	4.881.743
Empréstimos/financiamentos	8.705.784	9.083.117
Adiantamento de clientes	460.733	416.524
Salários/participações a pagar	444.482	523.163
Comissões a pagar	152.605	196.054
Impostos e contribuições	4.549.513	1.484.771
Outras Contas a pagar	66.916	110.955
Provisões	1.407.792	1.869.377
Receitas a realizar	649.822	386.730
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	19.257.982	18.952.434
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	2013	2012
Empréstimos/Financiamentos	20.883.293	12.407.790
Provisão para Contingências	802.361	215.342
Impostos Diferidos	7.614.085	7.635.371
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	29.299.739	20.258.503
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	15.772.238	24.386.917
Capital	13.006.649	13.006.649
Reserva de Lucros	5.731.594	5.228.089
Prejuízo Acumulado	-17.456.071	-8.841.392
Ajuste Avaliação Patrimonial	13.280.449	13.783.954
Reserva Legal	1.209.617	1.209.617
PASSIVO TOTAL	64.329.959	63.597.854

Fonte:

<https://radaroficial_downloads.s3.amazonaws.com/661b21dae9430b06f2371530a00f296e.pdf>

ANEXO H – DRE da Jatobá

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO	2013	2012
Receita Operacional Líquida	41.010.992	43.032.629
Custo de Vendas	-29.017.695	-31.414.329
Lucro Bruto	11.993.297	11.618.300
Outras receitas (despesas)	199.801	-24.672
Despesas Operacionais	-16.546.467	-17.151.646
Receitas (Desp.) Financeiras Líquidas	-4.395.102	-3.275.356
Lucro antes do IR/CS	-8.748.471	-8.833.374
Imposto de Renda e Contrib. Social Correntes	35.416	-4.035
Imposto de Renda e Contrib. Social Diferidos	98.376	7.933
LUCRO (PREJUÍZO) LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	-8.614.679	-8.829.476

Fonte:

<https://radaroficial_downloads.s3.amazonaws.com/661b21dae9430b06f2371530a00f296e.pdf>